



Contraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – PUC-SP

ANO 21 Nº133
Setembro/Octubro 2022



LEMBRAR É RESISTIR

Comunidade puquiã junta-se às vozes de milhões de brasileiras e brasileiros, que gritam “não” ao autoritarismo, ao machismo, ao racismo e a todas as formas de intolerância

Editorial

Um tiro, um Dom e um Bruno (ou, três disparos, um Dom e um Bruno)

“Aqui é Bolsonaro”, aos gritos e tiros. O corpo que está no chão, agora pintado de vermelho, tem nome e tem lado. Marcelo Arruda morreu dia 9 de julho atingido pelas balas de Jorge José da Rocha Guarinho. Arruda, guarda municipal e tesoureiro do PT, celebrava seus 50 anos com a temática do partido, a estrela brilhava em seus olhos. Guarinho, agente penitenciário e bolsonarista, decidiu que já bastava de comemorações do outro lado. E foi assim que o Paraná perdeu um companheiro em Foz do Iguaçu.

Os pulmões de esquerda e direita no Brasil não estão sufocados apenas pela violência de motivação política, mas pela negligência estatal, que também é violenta, mas institucionalizada. Dom Philips e Bruno Pereira desapareceram dia 5 de junho no Rio Itaquai, na Amazônia. O primeiro é jornalista que denuncia em um livro a realidade da floresta, o segundo um indigenista que ensina os nativos a monitorar as terras. O terceiro personagem são os madeireiros e pescadores ilegais, o quarto o narcotráfico e o quinto a ausência de Estado, todos atuantes, tão atuantes quanto as ameaças dos ilegais no território, de invasão, de roubo e de morte.

Segundo Jair Bolsonaro, “[...] duas pessoas apenas em um barco, em uma região daquela, completamente selvagem, é uma aventura que não é recomendável que se faça”. Não é recomendável que ninguém se aventure a amparar os nativos dos livres crimes que os ameaçam, se algo acontecer, é provável que as investigações não sejam concluídas, ou que demorem dois dias para as buscas. Após mais de um mês, o presidente chama por vídeo a família de Marcelo Arruda para entrevista, assim que sentiu que “a esquerda ia colocar a ação desse cara no meu colo”, se referindo a Guarinho, o fomentado pelo seu discurso.

São três grandes perdas, quatro se contar com o brasileiro que perde a sanidade pela “pátria, família e Deus”. Em outubro todos escolhem seus lados, lembrando apenas dos nomes que prometem, sem lembrar dos que foram mortos. A perda do Brasil, é a perda da memória de opostos que não se comparam. É preciso lembrar que Dom e Bruno poderiam ter voltado pela correnteza e que Arruda poderia comemorar o seu próximo aniversário. Está acontecendo uma guerra, e as escolhas são lutar ou morrer dela. Desde quando no Brasil, o vermelho deixou de ser sangue derramado, para ser apenas a cor de um partido?

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amalia Pie Abib Andery
Vice-Reitora Angela Brambillia Lessa
Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca
Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini
Pró-Reitora de Planejamento Avaliação Acadêmicas Marcia Flaire Pedroza
Pró-Reitora de Educação Continuada Profa. Dra. Altair Cadrobbi Pupo
Pró-Reitora de de Cultura e Relações Comunitárias Profa. Dra. Mônica de Melo
Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Fabio Cypriano
Chefe do Departamento de Comunicação MiSaki Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Mauro Peron
Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda
Vice-coordenadora do Curso de Jornalismo Maria Angela Di Sessa

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editora-assistente Rafaela Reis Serra
Fotografia Sophia Linares
Mídias Sociais Ramon Baratella, Maria Ferreira dos Santos

Editorias

Artes	Carlos Gonçalves	Economia	Giovanna Crescitelli
Cidades	Evelyn Fagundes	Educação	Julia Takahashi
Comportamento	Bianca Novais	Esportes	Maria Sofia Aguiar
Cultura	Tabitha Ramalho	Internacional	Gabriela Costa
Direitos Humanos	Fernanda Querne	Moda	Malu Marinho
		Política	Hadass Leventhal

Revisão Carlos Gonçalves, Enrico Souto, Gabriel Porphirio Brito, Gabriela Costa, Giulia Aguilera, Isabela Mendes, Isabella Pugliese Vellani, João Curi, Laura Mariano, Manuela Nicotero Pestana, Sabrina Alvares, Maria Sofia Aguiar e Victoria Nogueira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Ombudsman Marlyvan Moraes de Alencar

Foto da capa Lídia Rodrigues de Castro Alves

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo/SP
Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 133 – Setembro/Outubro de 2022

Política

Caso Daniella Perez segue no imaginário brasileiro mesmo após trinta anos	4
Lado a lado e um passo atrás: o legado da imagem da primeira-dama	5
A contribuição da grande mídia na ascensão dos discursos de ódio	6
Os polos do 5G serão responsáveis por melhorar ou piorar ainda mais a desigualdade social?	8
O massacre dos caboclos: 70 anos do esquecido ataque ao povo Pataxó	9
Adoção: o encontro com o amor	10



© Alan Santos/PR

© Divulgação/Ronaldo Mitt



Saúde

Os Primeiros Soldados: como a cultura desmistifica o tabu da AIDS	11
Variola dos Macacos e o embate com a comunidade LGBTQIA+	12
O debate acadêmico e político sobre a humanização da saúde	14

Internacional

Como a visita de Nancy Pelosi pode impactar o Ocidente?	16
---	----

Ensaio fotográfico Atos pela democracia	18
---	----

Moda

Mídias digitais ampliam os horizontes da moda	21
Do underground ao TikTok: o ressurgimento do pop rock	22
Brechós arrecadam novos públicos e significados em meio à viralização nas redes sociais	24



© Pedro Henrique

Cultura e comportamento

O papel das propagandas no aumento de transtornos alimentares	25
Etarismo e LGBTQIA+fobia: Idosos lutam contra a convergência de discriminações	26
Independência ou morte!	28
Cantar pela Liberdade	29

Arte

Do barroco aos lírios: a potencialidade de ser Tunga	30
--	----

Esportes

Os desafios na formação acadêmica de atletas no Brasil	32
A difusão e as verdades do mercado de apostas esportistas no Brasil	34
Breakdance nas Olimpíadas: Símbolo de Resistência Negra e Periférica	35
As figurinhas da Copa 2022 chegaram nas bancas, mas o preço alto preocupa	36

© Kevin C. Kox/AP



Caso Daniella Perez segue no imaginário brasileiro mesmo após trinta anos

O assassinato que parou o Brasil diante da TV, em 1992, retorna por meio de uma série documental pelo serviço de streaming

Por Bianca Athaide, Khadijah Calil, Laís Romagnoli, Laura Paro e Maria Ferreira dos Santos

Pacto Brutal, lançado pela plataforma de streaming HBO Max, conta a história – por meio de relatos inéditos de autoridades do processo – do assassinato da atriz e bailarina Daniella Perez, que impactou o Brasil em 1992. Com direção de Tatiana Issa e Guto Barra, as provas do caso e seu julgamento são detalhados ao longo de cinco episódios. Mesmo após trinta anos do trágico acontecimento, Glória Perez, mãe da vítima, ainda busca contar a verdadeira história do ocorrido e compartilha a experiência de ter vivenciado, precocemente e de uma maneira brutal, a perda de sua filha.

O fato de a série ter estreado três décadas após o delito, não impactou sua relevância, uma vez que se tornou rapidamente a obra 'Max Original' mais vista no Brasil e países latino-americanos. Mostrando que esse crime marcou não só uma época como uma região inteira, Pacto Brutal expõe minuciosamente esse evento sob diferentes aspectos: desde a repercussão e as provas, até o julgamento e o luto daqueles que conviviam com a vítima.

Os depoimentos mais chocantes partem da mãe de Daniella, a roteirista Glória Perez, que compartilhou a dor de perder sua filha mais velha. Ela relata que, naquela segunda-feira, recebeu uma ligação de seu genro, o ator Raul Gazolla, noticiando o desaparecimento da jovem mesmo após a procurarem em lugares da sua rotina. Juntos, eles fizeram diversas ligações aos seus colegas de trabalho e, assim, descobriram que a atriz havia ficado até mais tarde para tirar fotos com fãs ao lado de Guilherme de Pádua, seu par romântico na novela "De Corpo e Alma".

Entretanto, o carro de Daniella não se encontrava no estacionamento dos estúdios de gravação, tampouco o de Guilherme. Esse, por sua vez, afirmou a Glória e Raul não saber o paradeiro dela, apesar de ter sido o responsável por levá-la desacordada ao matagal da Avenida Cândido Portinari, na Barra da Tijuca, e, com a ajuda de sua esposa Paula Thomaz, tê-la assassinado com 18 punhaladas.

Nesse mesmo tempo, o advogado Hugo da Silveira, morador de um condomínio próximo, notou a presença de dois carros parados em um local propício a assaltos. Desconfiado, ele foi até o matagal anotar as placas dos veículos e avistou um homem e uma mulher juntos, deduzindo que não passava de um casal de namorados. Entretanto, mais tarde, quando percebeu que só um veículo permaneceu ali,

ele aciona a polícia e, acidentalmente, o corpo de Daniella é encontrado, tornando Silveira a principal testemunha do crime.

Na 16ª Delegacia de Polícia, a família Perez e amigos ficaram perplexos com a brutalidade do ocorrido e, depois, chocados ao descobrirem que o assassino esteve presente com eles para prestar condolências, já que foi somente na manhã de terça-feira que Pádua fora preso preventivamente. Esse choque foi sentido também pela população brasileira, visto que a atriz era extremamente querida e novelas, naquele momento, eram o principal produto de entretenimento no país.

É justamente por isso que o caso repercutiu tanto e tornou-se refém de mentiras e especulações – muitas delas, inclusive, foram difundidas pela defesa de Guilherme e Paula. O advogado Wenner Melo explica que desmoralizar a vítima é uma tática, mesmo que antiética, de "livrar o seu cliente" de muitos anos em cárcere. "Você desacredita [a vítima], e então, a partir do momento que você fala que a vítima também tem responsabilidade, o criminoso não é tão mau ou, então, [...] a pena dele não será tão alta, porque ela também é culpada".

Melo ainda acrescenta que "a imprensa tem muita responsabilidade" pelo que foi feito com a imagem da falecida, tendo em vista que, os dois protagonizando uma relação amorosa na trama da novela das 20h, a mídia fortalecia boatos de um envolvimento entre eles na vida real. Já que a ganância em vender revistas fez com que a imprensa utilizasse imagens de Bira e Yasmin, personagens interpretados por Pádua e Perez, em momentos de afeto na novela para tratar do caso, plantando no subconsciente do público a ideia dos atores como um casal, estimulando diversas opiniões machistas. "As imagens das revistas são muito mais agressivas do que as fotos dela no local. Isso é continuar matando a pessoa", desabafou a mãe da atriz na série. O documentário tem como propósito justamente desmentir os rumores e, em preservação à memória de Daniella Perez, os produtores optaram por nem mesmo convidar os assassinos e seus defensores para prestar depoimentos.

Embora o seriado exponha ocorrências da década de 1990, trata de temáticas atuais e relevantes, como sensacionalismo, feminicídio e culpabilização da vítima. Todavia, o que mais chamou a atenção dos telespectadores foi o fato de que tanto Guilherme quanto Paula já estavam de volta



© Divulgação: HBO MAX

Documentário visa consertar os erros cometidos pela cobertura jornalística da época

às ruas em 1999, ainda que tenham cometido o crime em 1992 e julgados em 1997, recebendo uma pena de cerca de 18 anos. Quanto à essa questão, a advogada Jucelly Lopes explicou ao **Contraponto** de que se trata do sistema de reinserção do presidiário e progressão de regime: ao apresentar bom comportamento, o prisioneiro recebe o direito de, gradualmente, "sair do regime fechado para o regime semiaberto e, posteriormente, para o regime aberto".

A tragédia, que devastou o país ao expor a tamanha crueldade que fora executada, também trouxe à tona outras atrocidades ocorridas no Brasil. Diferentemente do caso da atriz, essas transgressões não envolveram pessoas públicas e, por isso, foram banalizados pela mídia sem que obtivessem a devida repercussão. A produção dá luz, por exemplo, ao sequestro seguido de morte da mineira Miriam, acontecido no mesmo ano, quando tinha apenas cinco anos. Outro episódio presente no enredo é o das dez mães de Acari, que lutaram com muita coragem pela investigação do desaparecimento de seus filhos, ocorrido em 1990 na Baixada Fluminense e, até hoje, sem respostas.

Na época, tanto Jocélia Brandão, mãe de Miriam, quanto as mães de Acari juntaram-se a Glória Perez no combate por justiça. O maior intuito da união dessas mães revoltadas era aderir crimes premeditados ao caráter hediondo, preservando, assim, o valor e o direito de viver que foram brutalmente arrancados de cada vítima. Graças à ação delas, o objetivo foi atingido em 1994 na formulação de um projeto de iniciativa popular, que necessitou de 1,3 milhão de assinaturas para ser sancionado.

Lado a lado e um passo atrás: o legado da imagem da primeira-dama

A posição feminina de maior estima no cenário público ainda é atribuída graças a seu marido. Entenda as contradições e o que carrega essa imagem

Por Fabiana Caminha, Maria Eduarda dos Anjos e Murari Vitorino

O título “primeira-dama” passou a ser utilizado apenas no final do século 19. Ruth Cardoso detestava ser chamada assim, preferia ser reconhecida pelo que realmente era: professora. Ruth, esposa do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, foi a única primeira-dama na história do país que exerceu a profissão na qual é formada. Ela compõe, junto apenas com Marcela Temer e Rosane Collor, o seleto grupo das esposas de presidentes que concluíram o ensino superior.



© Sergio Lima - 6.mar.1998/Folhapress

Ruth e Fernando Henrique Cardoso em 1998

A história dessas coadjuvantes da política brasileira é analisada pelos jornalistas Ciça Guedes e Murilo Fiuza no livro “Todas as mulheres dos presidentes”, da editora Máquina de Livros. A obra, de 2019, reconta a história do Brasil a partir da trajetória das 34 primeiras-damas do país, de Mariana da Fonseca à Michelle Bolsonaro. Além do grau de escolaridade, o livro ressalta a idade dessas mulheres ao oficializar o matrimônio. “Elas se casavam muito novas, algumas delas com 14 anos. Outras treze se casaram antes mesmo de completar 20”, diz Guedes em entrevista à Folha de São Paulo.

O conceito de dona de casa submissa pode ser usado para descrever grande parte das primeiras-damas que já foram as donas do Palácio, mas não todas. Sarah Kubitschek criou a Fundação das Pioneiras Sociais e é reconhecida ainda hoje por sua atuação na área da saúde. Maria Theresza Goulart se dedicou em grande parte à Legião e aos 26 anos suportou o exílio junto com seu marido, João Goulart. Mas esses grandes feitos saíram de moda. Em 2016, Marcela Temer foi enaltecida pela revista *Veja* ao ser descrita como “bela, recatada e do lar”. Deixando de lado a

história das mulheres fortes que já passaram pelo Palácio, o perfil remete à década de 50 e exalta a imagem de uma mulher reduzida à troféu.

Lado a lado e, então, um passo atrás, os discursos e propostas da primeira-dama se alinham com o tom de governo que promove o marido. Sua lista de afazeres inclui fisgar o público pelo carisma e promover o cuidado dos pobres, diminuição da fome e educação. Darcy Vargas era a “mãe dos pobres”, acompanhando o “pai”, Getúlio. Doando sua imagem e voz para uma campanha que não era sua, ela também doou seu tempo para planejar e executar políticas públicas, igual seu marido, com a diferença singela de não ter sido eleita para nada disso. Com a progressão da campanha e o acompanhamento midiático, a imagem curada e dada a ela por uma assessoria ajuda seu cônjuge em detrimento de si mesma, negociando se sujeitar ao julgamento público, que tradicionalmente toma notas de sua vida privada, aparência e dotes maternos, para que seu parceiro pareça mais afável.

Em 2022, Michelle Bolsonaro é igualmente vocal em comparação ao seu marido na campanha de reeleição dele. Ela é a promessa para reafirmar o cunho religioso do governo bolsonarista e tentar atingir o público feminino, que tende cada vez mais a Lula nesta eleição.

Utilizando as igrejas e mídias como palco, Michelle faz sua presença ser notável especialmente com a parte evangélica do país, ocupando ao lado de seu marido e usando sua fala para enaltecê-lo a qualquer custo, chegando a descrevê-lo como “cura do Brasil” enquanto promove ideias nocivas como a de que o comunismo está destruindo o país “Nós estamos vendo o que o comunismo está fazendo nos países, perseguindo igrejas, queimando igrejas católicas [...] Eles vão perseguir os cristãos do Brasil”, disse em discurso de campanha.

De acordo com pesquisa recente da DataFolha, a influência de Michelle captou 49% das intenções de voto entre os evangélicos contra 32% de Lula. Porém, o petista tem 47% entre as mulheres, contra 29% de Bolsonaro. A atual primeira-dama fez e foi exatamente aquilo que os setores conservadores esperavam, sendo recompensada de acordo.

Junto com a ascensão da figura de Michelle Bolsonaro, vale observar Rosângela da Silva, também conhecida por Janja, é socióloga, militante e atual cônjuge do candidato petista Lula.

Vinda de uma história de ativismo pelo PT, Janja tem sido um dos personagens principais da corrida eleitoral do

ex-presidente. Agindo nos bastidores, fazendo ligações políticas que têm sido vitais para a campanha, servindo como uma ponte entre toda a classe artística que vem demonstrando cada vez mais apoio ao partido.

Apesar de não ser um consenso entre membros da coligação o quanto a futura primeira-dama deveria se mostrar para o público, Janja se pronunciou abertamente sobre suas pautas devido ao alto risco de se tornar alvo de ataques dos grupos bolsonaristas. Todavia, ela pode sempre ser encontrada no palanque ao lado do candidato, pegando no microfone para cantar e sendo muito vocativa sobre os ideais que defende.

A cultura patriarcal não consegue ver além do arquétipo da mulher. “A primeira-dama é uma figura bem ‘Mulher de César’ – tem que parecer bela, recatada e do lar”, afirma a cientista social Carla Cristina Garcia em entrevista ao **Contraponto**, em referência à Marcela Temer.

“As mulheres conservadoras estão na política tão ativamente quanto as de esquerda, mas com uma agenda completamente oposta. Não há políticas públicas de inclusão porque o machismo, por exemplo, não é uma questão; o poder é a questão, e incorporam o raciocínio do poder masculino”, comenta Garcia.

Em seu contexto histórico, o título de primeira-dama não carrega muito mais direitos ou poder factual do que as mulheres de velhas monarquias. No entanto, a campanha de 2022 não só está sendo atípica no cenário político atual, como também no sentido da função dessas mulheres. O cargo que antes não passava de decorativo, hoje tem o poder de decidir o resultado das eleições.



© Alan Santos/PR

Michelle e Jair Bolsonaro em comício

A contribuição da grande mídia na ascensão dos discursos de ódio

Como o Jornalismo hegemônico repercute atitudes intolerantes e criminosas ao não se posicionar, omitir informações ou reforçar a violência



Por Lucas Malagone, Marina Figueiredo, Mariana Luccisano e Yasmin Solon

Nos últimos anos, principalmente com o surgimento das redes sociais, o avanço da extrema direita com discursos de ódio, fez políticos ganharem notoriedade e, de certa forma, serem líderes de verdadeiras seitas com seus seguidores em redes sociais. Aqui no Brasil, principalmente com a eleição de 2018, o atual presidente Jair Bolsonaro, usou suas redes para propagar fake news e discursos coléricos contra seus adversários, alimentando uma cultura de ódio e perseguição entre seus eleitores e a sociedade. As mídias tradicionais se encontraram então com um importante papel: o de enfrentar esses comportamentos com a sua integridade que foi conquistada durante décadas, mas por conta da imparcialidade, acabam se perdendo nessa missão.

O Código de Ética da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), estabelece, no art. 2º, I, que “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários” e no art. 2º, II, acrescenta que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos”. Portanto, jornalistas devem ser cautelosos, há uma linha tênue entre ser imparcial e conivente a mentiras.

Já o artigo 4º afirma que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação” e o art. 7º, que: “O jornalista não pode (...) II – submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação”. Ou seja, o jornalismo precisa ser imparcial para propagar matérias neutras, em que o público escolha espontaneamente alguma face da

notícia, um compromisso com a diversidade e o equilíbrio dos pontos de vista.

Quando são retratadas mentiras parciais ou integrais vindas do presidente da República por parte da imprensa, a ética da profissão está sendo desrespeitada e o compromisso maior, que é prezar a verdade e a informação à serviço da sociedade para a construção de uma nação consciente de sua história e capacidade, não está sendo cumprido. Existe também o oposto, quando o veículo se alinha a determinado candidato e distorce verdades, falas ou situações em favor de outro estadista. Mídias com raízes e interesses bolsonaristas distorceram fatos a fim de tentar favorecer o presidente nesses últimos quatro anos.

O professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresentador e editor-chefe de telejornal na TV Cultura de São Paulo, Aldo Quiroga, faz um contraponto. Ele afirma que o problema é muito mais estrutural e educacional, “O jornalismo é incapaz da imparcialidade porque é uma produção humana, então, o que a gente busca através das boas práticas do jornalismo é o equilíbrio, mas a imparcialidade está longe das nossas possibilidades”.

Quiroga acrescenta que o problema não é existir uma determinada emissora ou empresa de comunicação que puxa “sardinha” para um estabelecido lado, mas o preocupante é a falta de educação e de preparo midiático para fazer essa leitura da mídia. “A Jovem Pan tem que existir e tudo bem, o que a gente necessita é educar as pessoas para que elas façam a leitura e saibam consumir aquilo com um distanciamento necessário. Assim como a Globo, Folha de S.Paulo, Brasil de Fato, todo mundo vai puxar para o seu lado porque a imparcialidade está fora da nossa possibilidade. O que a gente precisa é que as pessoas sejam capazes de fazer essa leitura”, o professor pontua que é preciso fazer um jornalismo que busque mais o equilíbrio para compensar a ocupação dos espaços midiáticos.

A prática constante de submeter discursos de ódio à processos de argumentação e “naturalizá-los”, fazendo com que se aproxime de uma simples questão ideológica, colabora e fortalece movimentos antidemocráticos, legitimando o absurdo. A imprensa, que abriu espaço para discursos de articulistas que relacionavam práticas de corrupção estritamente a um partido ou candidato, forneceu toda a matéria-prima necessária para um pensamento anti-político, que foi crucial para a ascensão da extrema-direita no Brasil.

Entrevista de Jair Bolsonaro no
Jornal Nacional conduzida por
William Bonner e Renata Vasconcellos

A relativização da violência, que vem acontecendo silenciosamente no país, é a chave necessária para a manipulação da massa e o crescente reconhecimento de políticas autoritárias. Quiroga ainda afirma que “a imprensa brasileira bateu palmas para essa criminalização da política que asfaltou o caminho para os discursos de ódio e, por fim, o fascismo”. O persistente esforço da imprensa brasileira de equivaler as oposições de Lula e Bolsonaro, forjando uma falsa “imparcialidade”, classifica o assunto como uma mera polarização ideológica e escancara as portas para a barbárie. Em sua coluna para o UOL, a jornalista Milly Lacombe pontua que “Imparcialidade em tempos coléricos e fascistas é apoio ao fascismo fantasiado de sensatez. A falsa simetria nos trouxe até aqui. Não era, afinal, uma escolha difícil.”

Relativizar um discurso violento, de extrema-direita e apontá-lo como uma simples divergência política, estrutura ideologias autoritárias e prepara um terreno hostil para a tirania. Quiroga completa: “O que ainda se fala sobre a polarização é um discurso muito perigoso, porque coloca as duas propostas em lados opostos, obviamente, mas em mesmo nível. E na verdade o que temos é a democracia contra a barbárie.”

Com as eleições de 2022, novamente a mídia e a forma como o jornalismo atua está em evidência. Em 2018, tivemos o editorial do Jornal O Estado de São Paulo apontando uma “escolha difícil”, apesar de Bolsonaro criticar e atacar constantemente veículos de imprensa, ferindo um pilar de uma democracia – a liberdade de imprensa. No cenário atual, às vésperas de eleições presidenciais, entrevistas e debates com os candidatos se tornam as principais propagandas políticas.

Na semana do dia 22 de agosto, o Jornal Nacional, principal telejornal do país, entrevistou os principais candidatos à presidência do país. A polarização entre o candidato Luiz Inácio “Lula” da Silva (PT), e Jair Messias Bolsonaro (PL), e o antipetismo se mantiveram claros. Mesmo com duras críticas ao governo atual, os apresentadores do JN, William Bonner e Renata Vasconcellos, não fugiram das perguntas com ênfase na suposta violência por parte dos seguidores de Lula, enquanto Bolsonaro se safou desse questionamento.

Essa ascensão de discursos de ódio e de uma cobertura mais midiática e pasteurizada sem um viés jornalístico, não é



© Reprodução/G1

um recorte de agora. É um problema sistemático ao longo dessa última década. Podemos ir mais além, com os programas policiais que são produzidos desde meados dos anos 90. A cultura da violência propagada, e cada vez mais alimentada por programas policiaiscos, que diariamente adentram a casa de grande parte das famílias brasileiras é, talvez, um dos exemplos mais contundentes de como discursos coléricos e narrativas discriminatórias têm sido cada vez mais naturalizados e compelidos aos consumidores da grande mídia tradicional. Com falas sensacionalistas, tendenciosas e autoritárias, tais conteúdos encenam um falso jornalismo, exibições como *Brasil Urgente*, *Cidade Alerta* e *Balanço Geral* reforçam estereótipos sociais preconceituosos, apresentam imagens explícitas, reportagens sem o mínimo compromisso ético, que submetem cidadãos a situações vexatórias e tratamentos desrespeitosos.

O professor Aldo Quiroga explica como essa dinâmica de espetacularização do medo impacta e deixa cada vez mais vulnerável a sociedade, uma vez que é preciso fomentar o medo para conseguir apoio ao extremismo. “Os programas policiaiscos cumprem essa função: quando você impute através de longas imagens que vão se repetindo, de discursos que giram em torno da mesma informação, exacerbando um ato que, de fato é violento, mas exacerbando essa

violência, você alimenta um medo e uma população amedrontada que clama por ordem, uma população amedrontada precisa de um salvador. Esse é um discurso que casa muito bem com o fascismo, ‘eu vou aqui resolver os seus problemas, eu vou te proteger’ e é preciso ordem, é preciso pulso firme.”

O papel da grande mídia vai além de informar corretamente os fatos à população, explicar de forma didática e aprofundada as causas e consequências dessas conjunturas. Em um país que 38 milhões de pessoas entre 15 e 64 anos são analfabetas funcionais, segundo dados do Ibope Inteligência, desenvolvido pela ONG Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro, ser transparente e divulgar a veracidade dos fatos é fundamental. É inaceitável que a imprensa omita informações políticas contribuindo para um movimento de repulsa e ira, ou incentive uma violência. O Jornalismo deve ser ético e responsável para que seja o quarto poder da democracia.



Apresentador Datena revoltado com a soltura do chefe do PCC

© BAND

Os polos do 5G serão responsáveis por melhorar ou piorar ainda mais a desigualdade social?

Em São Paulo, a tecnologia não se difunde de maneira homogênea, até porque não é acessível para todos os indivíduos do mesmo modo



O 5G é a banda larga mais potente até agora

existe e afeta múltiplos municípios, entre eles, cidades no interior dos estados que são excluídas devido à falta de recursos. Em muitos desses locais interioranos há diversas universidades, tanto privadas, quanto públicas, responsáveis por pesquisas e avanços na ciência – instituições que atualmente sofrem com a falta de recursos e infraestrutura.

A nova tecnologia é capaz de piorar esse cenário ao afastar, ainda mais, as importantes áreas brasileiras das inovações: “Em antemão, as capitais serão atingidas com essa nova tecnologia para depois, áreas mais distantes. Geograficamente há uma preocupação enquanto a desigualdade, já que as áreas urbanas, estas mais estruturadas, serão muito mais beneficiadas em relação às outras”, explica Fábio Senne, coordenador de pesquisas de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação.

É inegável que, por exemplo, na própria cidade de São Paulo – a mais populosa do Brasil – a tecnologia não se difunde de maneira homogênea, até porque não é acessível para todos os indivíduos do mesmo modo. “Muito provavelmente, populações mais escolarizadas e ricas serão introduzidas a essa tecnologia primeiro, o que deve gerar mais desigualdade”, relata Senne.

O doutorando da Universidade de São Paulo (USP) explica também como a conectividade da geração de 60 ou mais anos ajudou no combate à COVID-19: “A internet foi fundamental para o distanciamento social. O idoso é justamente aquele que tem mais dificuldade em deslocamento e, portanto, pode vir a se beneficiar com os serviços proporcionados pelas redes”, indica Fábio.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o fenômeno da pirâmide invertida ocorre no Brasil. Senne visualiza a mesma situação: “Esse é um debate ainda pouco discutido no país, mas, com o envelhecimento da população, talvez seja necessária a elaboração de políticas e equipamentos próprios para os mais velhos”.

O recente desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação

e sua desigual apropriação pelos diferentes estratos sociais acrescentou uma nova onda de desigualdades, cuja questão é a privação do acesso da população mais pobre ao computador, à internet e aos conhecimentos básicos para utilizá-los.

Atualmente, ao invés de reduzir as distâncias atreladas à hierarquia social, a internet as exacerba, devido ao acesso limitado. A disparidade tecnológica na era da informação ocorre por diversos fatores históricos, econômicos e políticos, e assim é sustentada pela exclusão de um conjunto da população ao acesso às tecnologias e ao próprio desenvolvimento. No auge deste crescimento desigual, questões sobre a inclusão digital, a cidadania e os direitos sociais têm sido uma bandeira de organizações governamentais e não governamentais.

O CEO da Nuh!Digital conta que esse cenário está mudando devido aos incentivos e um projeto de lei que utiliza recursos de um fundo criado visando universalizar a conectividade no país. “Parte desse fundo, em torno de 4,5 bilhões, será destinado para conectar esses alunos. Aqueles que estão cadastrados no CadÚnico [plataforma com beneficiários de programas sociais] vão ter direito a um chip gratuito. Inclusive, a empresa que represento, é uma das que vão proporcionar essa solução”.

Existe também uma desproporção de gênero em relação à conectividade. Segundo a Agência Brasil, as mulheres são mais conectadas, mas acessam menos serviços na internet. Entretanto, de acordo com o estudo ‘Desigualdade digital de gênero na América Latina e no Caribe’, realizado pela Universidade de Oxford, o número de mulheres que possuem telefones celulares é menor que o de homens nos países da América Latina e do Caribe. Logo, as mulheres estão em desvantagem em 17 dos 23 países da região analisados.

5G aumentará ou diminuirá a desigualdade digital? Segundo Laerte: “O 5G tem sim um potencial de aumentar a questão de acesso. Se aumentar a conectividade, diminuirá a desigualdade, pois será utilizada para ensino e dará abertura ao mundo digital.” Já Fábio argumenta: “Algumas mudanças ao longo da história resultaram em mais desigualdade, de fato, pois atingiram diretamente o mercado de trabalho”. Logo, após analisar o cenário, pode-se afirmar que 5G beneficiará aqueles que já possuem a rede da quarta geração. Consequentemente, alastrando a desigualdade digital.

Por Eduarda Magalhães, Fernanda Querne e Júlia Zuin

A tecnologia do 5G é a quinta geração da banda larga móvel. Com essa criação, os downloads e uploads de conteúdos ocorrem entre dez ou doze vezes mais rápidos do que comparados ao 4G: agora, o tempo de processamento da informação é menor, há mais facilidade na conectividade simultânea, robotização da indústria além do agronegócio, e muito mais. A nova rede já está ativa em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras.

A cobertura total do 5G em todo o país, segundo o Ministério das Comunicações (Mcom), ocorrerá até o ano de 2028, o que, consequentemente, pode vir a alastrar ainda mais a desigualdade digital perante ao acesso daqueles que não possuem nem o 4G. Como afirma Laerte Magalhães, fundador e CEO da empresa de telecomunicações, Nuh!Digital, “se não há a colaboração e inteligência para investimentos de recursos das redes, não terá atendimento para quem mora nas pequenas cidades.”

O avanço da tecnologia possui a capacidade de promover uma melhor comunicação para um meio mais justo e igualitário – entretanto, o diálogo chega a ser desleal ao seu papel quando, ao invés de unificar receptores e transmissores, os afasta. Com a importação do 5G no Brasil, chega também a possibilidade de maior desigualdade digital em diferentes regiões, já que os polos beneficiados com a capacidade da tecnologia serão apenas grandes cidades.

Todavia, a diferença tecnológica entre municípios brasileiros não é uma novidade e, muito menos, resultado da chegada do 5G no país: na verdade, essa realidade já

O massacre dos caboclos: 70 anos do esquecido ataque ao povo Pataxó

Com chacinas pouco relevantes aos olhos da sociedade, os indígenas Pataxós ainda sofrem com a marginalização no Brasil

Por Francisco Vecchia, Kawan Novais, Renan Barcellos

Trancoso, distrito de Porto Seguro, na Bahia, é um dos pontos turísticos mais visitados no Estado devido as belas praias, comidas típicas e festas. Foi nesse território que a esquadra portuguesa liderada por Pedro Álvares Cabral desembarcou pela primeira vez em solo brasileiro, “descobrimo” o Brasil.

Desde o período pré-colombiano até o presente, esse território sempre foi ocupado por indígenas Pataxós que vivem até os dias atuais espalhados pelo sul da Bahia. No decorrer dos séculos, o contato entre duas culturas distintas foi aumentando, e sendo muitas vezes violento.

Após 500 anos, a sociedade inevitavelmente mudou. O Brasil garantiu sua independência, a república foi proclamada. Porém, a condição marginalizada do indígena no Brasil permanece a mesma.



© Reprodução: acervo pessoal

Trancoso – distrito de Porto Seguro (Bahia)
- 1938

A memória

Nilda, uma residente do local desde 1950 contou como a história do massacre é um ponto de grande sensibilidade aos moradores da região. “Trancoso era uma terra de Caboclos, de índio, sabe? Era misturada com Imbiriba (BA) e era tudo muito pequeno. Quando tudo aconteceu, em 51, eu só tinha um ano e não me lembro de nada. Meu avô, João Alves dos Santos, que me contou tudo. Nesse dia, chegaram dois brancos que não se sabia se eram de Salvador ou São Paulo. Eles chegaram em Imbiriba, onde tinha uma linha, que era o telégrafo. Essa linha vinha lá de Porto Seguro e ia parar em Cumuruxatiba. Era o único jeito de saber das notícias da capital.

Nilda conta que os dois homens disseram aos caboclos que os fios do telégrafo deveriam ser cortados, pois ali “era terra de índio e esse jeito seria melhor”. A moradora ainda disse que “os caboclos foram

ingênuos e cortaram” em meio às expressões faciais que demonstravam questionamentos. “Quando passou três dias da linha não falar nada, chegou a ‘federal’ para castigar os ‘caboclos’. Uma metade foi fuzilada na hora, enquanto a outra a polícia arreou com selas de cavalo”.

“O homem que foi obrigado a colocar a sela, era o Tonheira, o chefe da Imbiriba, que foi feito de animal – homens cavalgaram nele durante toda a noite. As mulheres saíram correndo e foram parar numa fazenda lá em cima, em Queimado (26,4 km de Imbiriba), perto de Itabela (município baiano). As mães deixavam suas crias para trás. Dois dias depois os ‘caboquinhos’ tinha tudo morrido e seus corpinhos ficaram boiando no Rio dos Frades”. Nilda menciona que seu avô não conseguia sentir nada além de tristeza ao presenciar tudo aquilo com seus conterrâneos e amigos. “O povo de Trancoso e de Imbiriba era unido e, infelizmente, morreu criança, mulher e homem”.

A população residente do local tem medo de falar sobre assunto até os dias atuais. A própria moradora carrega esse anseio. “Eu falo porque meu avô me contou, e te digo que foi uma tristeza! Meu avô era muito sábio, mas não sabia a leitura. Ele também tinha medo de falar e a federal vir aqui em Trancoso e massacrar a gente, porque a aldeia em Trancoso era muito pequena”, finaliza.

O massacre

A tragédia ficou conhecida como o Fogo de 51, incidente que causou a morte de um número incerto de Pataxós. O massacre é consequência do corte da linha de telégrafo que cruzava o Estado e de uma campanha de difamação promovida pela polícia para justificar o crime.

O mandante da operação foi o major Arsênio Alves de Souza, que naquele tempo ocupava o cargo de comandante das forças volantes da Bahia. Curiosamente, esse mesmo militar foi responsável pela morte de Ponto Fino, irmão mais novo de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

Arsênio ordenou que seus homens invadissem a aldeia, conforme o plano: de Porto Seguro, uma coluna de 14 praças foi liderada pelos sargentos Altino Calmón e Lourival José, enquanto outra coluna de soldados lideradas pelo cabo Eugenio vinha marchando de Caravelas. O esperado era que as duas colunas se encontrassem próximo a aldeia de Barra Velha, todavia os soldados se confundiram na escuridão da noite e travaram uma troca de tiros de uma hora. O Integralista Arsênio foi apelidado de “MacArthur de Corumbau” e ridicularizado pela comunidade. Enfurecido, decidiu que lavaria sua honra com sangue Pataxó.

O soldado reorganizou sua tropa e atacou a aldeia munido de metralhadoras



© Reprodução: acervo pessoal

Nilda Alves
Bonfim
Barreto

e 15 praças. Durante a ofensiva, todas as casas foram incendiadas, dezenas de pessoas foram mortas, torturadas e estupradas. Depois da atrocidade, os militares perseguiram e mataram os dois brancos que incitaram os indígenas. Depois, o território pataxó foi tomado por grileiros.

Fabio, cacique da Aldeia Pataxó de Ponta Larga, na Bahia, também contou sobre o massacre ao **Contraponto**. “O Fogo do 51 foi um ataque. Eles alegam que os índios tinham feito um roubo ali depois de Barra Velha. Porque Barra Velha é o território Pataxó (...), porém em todo esse território são 23 aldeias diferentes”.

A situação atual

Hoje, caciques de muitas aldeias de Porto Seguro lutam para organizar um mecanismo de defesa contra fazendeiros, que estão atacando terras indígenas não demarcadas do sul da Bahia. O cacique Pataxó comenta sobre as dificuldades para realizar essa entrevista ao **Contraponto**. “Hoje, em um áudio que caiu no grupo de WhatsApp do conselho de caciques de Porto Seguro, foi mencionado sobre o perigo caso algum indígena passasse na rua, sentido BR-101”.

Além do confronto contra fazendeiros, outras questões afligem a população originária, conforme explica Fábio: “Nós sofremos muito porque existe o preconceito. Eu vejo muito na mídia falando: ‘Índio de Iphone e de Hilux’. O índio, além de ser índio, é um cidadão brasileiro, acho que o índio tem direito de ser um advogado, um juiz, um doutor, usar um terno e gravata”. O cacique também reflete sobre os rótulos impostos aos indígenas. “Acho que aquele índio, pelado, com a flecha na mão, com cabelo de cuia e olho puxado é de livro de história, apenas isso!”

O cacique Pataxó comentou o objetivo que todos os caciques de Porto Seguro desejam alcançar para suas aldeias. “Somente preservar a nossa cultura, falar nossa língua e cuidar da mata, da natureza, proteger os bichos e seguir a vida. A gente usa muito uma frase: ‘O ser humano só vai descobrir que o dinheiro não se come quando não tiver peixe e água’”.

Adoção: o encontro com o amor

Entenda como a pandemia ampliou o desejo por filhos adotivos em muitos brasileiros e qual foi o impacto do vírus no sistema de adoção nacional

Por Luísa Ayres, Manuela Dias e Sônia Xavier

O contexto da pandemia da Covid-19 tem levado as pessoas a refletirem sobre as relações e o afeto. O isolamento social causou uma reviravolta nos relacionamentos entre familiares, devido principalmente à maior interação entre os membros de uma mesma família, bem como, em muitos casos, a vontade e oportunidade de aumentá-la.

Para a advogada Sandra Vilela, especialista em alienação parental e guarda compartilhada, um dos grandes motivos para a queda do número de adoções nesse cenário foi a dificuldade em manter alguns procedimentos que necessitam do contato presencial, já que a adaptação das crianças com a família se dava, na maioria das vezes on-line, seguindo a recomendação do distanciamento social. “As pessoas estavam com medo de receber as crianças em casa porque temiam que elas estivessem doentes”, comenta.

Mesmo com as instabilidades financeiras e sociais, muitas famílias brasileiras estavam a caminho de realizarem o sonho de ter uma família a partir da adoção. Os processos de acolhimento não foram interrompidos, mas o número de adoções sofreu uma considerável redução quando comparada aos anos anteriores à pandemia.

“Simplesmente ter um filho”

É nesse contexto de luta e esperança que Erasmo Coelho, professor e pai solo, conheceu Gustavo. Se a pandemia desfez muitas famílias, também formou novos núcleos.

Com o processo iniciado em 2019 e a pausa na habilitação de adoção para se dedicar à luta de seu pai contra o câncer em 2020, Erasmo Coelho passou, mais tarde, a fazer parte de grupos on-line de busca ativa

para pessoas habilitadas. Trata-se de fóruns formados por juizes que buscam famílias para crianças e adolescentes de difícil adoção, seja pela idade mais avançada, por terem irmãos ou ainda algum tipo de transtorno físico e/ou mental. Foi em um desses grupos, no WhatsApp, que tudo começou.

“Eu olhei pra aquela criança e falei: ‘mas que menino bonito’”. De início, não se empolgou tanto, já que outras tentativas não haviam dado certo. Ele conta, em entrevista ao Contraponto, que muitas vezes as crianças não queriam só um pai, queriam também uma mãe, ou então não podiam ser adotadas por um homem solteiro.

Além do preconceito da sociedade, ele denuncia também o péssimo imaginário de muitas pessoas, que acreditam que “crianças mais velhas não podem ser adotadas porque serão delinquentes e monstros”.

Mesmo assim, Erasmo mantinha em mente algo fundamental: “Na adoção, a gente não busca uma criança para a família, mas sim uma família para aquela criança”. E, assim como deve ser, Gustavo, de São Paulo, buscou seu pai, do Rio de Janeiro.

De certo modo, o cotidiano pandêmico facilitou o contato entre os dois, que, devendo ser feito virtualmente, poupou muitas viagens ao futuro papai. “A gente se falava todo dia por vídeo chamada, e de sábado e domingo, por ligação telefônica”, conta Coelho, apontando o cuidado intensivo do abrigo durante todo o processo de aproximação. Mesmo assim, houve também o lado ruim: “Não tive a oportunidade de conhecer, de levar no shopping ou tomar um sorvete”.

Um dia depois de seu aniversário, no dia 4 de abril de 2020, era a hora de buscar o seu maior presente. Ainda não tinha sido possível um abraço sequer, mas, em suas próprias palavras, “Deus não dá filho trocado pra ninguém. Tinha que ser ele”, Nas palavras de Erasmo é preciso que os futuros pais e mães trabalhem sua ansiedade.

Por outro lado, seu filho, hoje com 13 anos, conta no Instagram que também teve seus “momentos intensos”, em que queria voltar, sentia falta do abrigo ou tinha pesadelos. “Não vou voltar porque vou deixar meu pai triste. De pouquinho em pouquinho, eu fui me adaptando. Hoje não tenho mais isso”.

Complementando, Coelho define o significado da palavra adoção em sua vida: “Adoção pra mim é o desejo que você tem de formar uma família sem o pensamento de fazer uma caridade. Simplesmente ter um filho. Você se torna um ser bobo, muito sensível. É diferente!”.

Alegria em dobro

Ao contrário de Erasmo e Gustavo, Raissa Leite e o seu parceiro tiveram contato presencial com as crianças durante o processo:

© Reprodução: arquivo pessoal



Raissa diz que os filhos são muito sociáveis e participam de diversas atividades com o casal. Tito, 2, à esquerda e Benício, 3, à direita

“Como os meninos eram muito pequenos, nós tivemos que ir até lá. Fizemos o teste, pegamos uma autorização e viajamos”.

Inicialmente, Raissa queria a adoção tardia, mas, durante o curso obrigatório, mudou de ideia e decidiu pela adoção na primeira infância. Foi também durante o curso que lhe surgiu o desejo de adotar mais de uma criança: “Eu estava preparada para esperar 3 ou 4 anos na fila, mas Deus quis, por assim dizer, que nós tivéssemos uma gestação de apenas 4 meses. No início de dezembro nós recebemos a ligação de que havia dois meninos numa cidade vizinha disponíveis”.

Ela também conta sobre a importância da sua rede de apoio durante a fase de adaptação dos meninos à nova realidade: “A nossa família e, principalmente, os nossos amigos sempre nos apoiaram muito”. Ela acredita que esse apoio refletiu de forma positiva nas inseguranças dos filhos, especialmente na compreensão de que eles agora têm uma família que os ama e não vai abandoná-los.

“[A adoção] não é plano B. Existe muito esse tabu de opção por não conseguir engravidar e pode ser uma verdade também. Infelizmente, para muitos casais acontece mesmo de descobrir a infertilidade e recorrer à adoção, mas é sempre pelo desejo de serem pais, não uma segunda via menos valorizada, mas uma via que tem todos os benefícios e desafios de maternidades geradas”, opina Raissa.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, “A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais” (ECA, Art. 41).

Tornar-se pai ou mãe por meio do ato de adoção é uma decisão dedicada àqueles verdadeiramente motivados pelo princípio do amor e do comprometimento com os direitos e o integral bem-estar das crianças e adolescentes.

© Reprodução: arquivo pessoal



Erasmo e Gustavo Coelho, pai e filho. A entrevista foi dada ao Contraponto justamente no dia dos pais

Os Primeiros Soldados: como a cultura desmistifica o tabu da AIDS

Filme brasileiro conta sobre os primeiros casos da doença no país, relembrando a luta dos portadores e sensibilizando o debate



© Reprodução/filme: Os Primeiros Soldados

Por Gabriela Figueiredo e Victoria Leal

A no novo, vida nova. A virada é sempre um recomeço, ou quase sempre. Na chegada de 1983, o primeiro caso de AIDS no Brasil já tinha corpo e nome masculino que, quando descoberto doente, lhe foi imediatamente associado à sua sexualidade.

HIV é a sigla em inglês para o vírus da imunodeficiência humana, o causador da AIDS – Síndrome da imunodeficiência humana, também em inglês –, conhecida como o estágio avançado de infecção, caracterizada pelo enfraquecimento do sistema de defesa do corpo e aparecimento de doenças oportunistas. Por ser um retrovírus, eles compartilham as propriedades de período de incubação prolongado antes do surgimento de sintomas, infecção das células do sangue e sistema nervoso e supressão do sistema imune.

É possível, para portadores de HIV, viver anos sem apresentar sintomas ou desenvolver a doença. Podendo ser transmitido por relações sexuais, transfusões de sangue ou compartilhamento de objetos perfuro-cortantes, a prevenção é feita pelo uso de camisinha nas relações, tratamentos durante a gestação para grávidas portadoras e o não uso de objetos cortantes contaminados. O tratamento pode ser feito por medicamento antirretrovirais.

Segundo a linha do tempo feita pelo Instituto Fiocruz, o vírus chegou ao Brasil em 1980, enquanto o primeiro caso de AIDS foi identificado em 1982 por transfusão sanguínea. Em 1983, homossexuais foram proibidos de doar sangue, sob risco de punição em caso de infração, ao mesmo tempo que saíam nos jornais de São Paulo notícias sobre a “Peste Gay”, associando a doença à homossexualidade. Em dezembro de 1988, o país já acumulava mais de 4 mil casos da doença.

A imprensa, poder público e profissionais de saúde tiveram de lidar com o

moralismo e estigmas voltados para a homossexualidade. A vinculação da doença à comunidade gay após o aumento dos casos iniciais, as críticas direcionadas à criação de alas para AIDS, a recusa de atendimento médico por falta de informações e falta de medidas preventivas pelo Ministério da Saúde arquitetaram os tabus entorno da síndrome.

A chegada da AIDS no Brasil foi marcada por preconceito e desinformação, e, sua epidemia, pela construção de um estado de medo.

“ Você não sabe o quanto acredita na preservação da sua vida, até ter que comer um pedaço da própria carne para sobreviver

Os Primeiros Soldados ”

Em *Os Primeiros Soldados*, de Rodrigo de Oliveira, Suzano, personagem, biólogo e portador da AIDS, molda sua própria imagem em torno da doença. Artista de espírito, ele se veste de mulher na virada de 83, sozinho e isolado, após descobrir que estava contaminado. Seus amigos Rose, travesti, e seu amigo Humberto, também gay, contam, em vídeo e atuação, o processo de descoberta da infecção de Suzano. O real se torna personagem quando os sintomas estão tão evidentes quanto a solidão e – também – a força. Neste momento, ninguém está mais atuando.

O filme reaviva o patrimônio dos primeiros que sofreram com as dores da síndrome no Brasil e aborda a sensibilidade que é viver com AIDS, além de,

sobretudo, lembrar que hoje há alternativas a infecção. Entretanto, o estigma criado e arquitetado nos primórdios da epidemia persiste quando se pensa que estar doente pode significar o fim da vida.

O estudo *Os jovens e o imaginário da AIDS: entre o risco e a prevenção*, produzido por Leila Sollberger Jeolás, professora de Antropologia Social do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, demonstra que as representações sociais atuais – propagandas preventivas e discursos prescritivos – em torno da AIDS não dão conta de atingir o imaginário de risco do público jovem, visto que não é levado em conta as contradições inerentes à sua prevenção.

Ao entrevistar estudantes de seis escolas públicas em Londrina, evidencia-se que a maior parte dos jovens dizem se enxergar em uma posição de risco inevitável de contração do vírus e afirmam sentir medo da infecção.

Entre os depoimentos colhidos, uma das entrevistadas explica que “pessoalmente tenho medo porque acho que sou nova para pensar em AIDS. Eu tenho medo do risco da AIDS porque eu tenho relação sexual com meu namorado, apesar de ele ser meu namorado eu tenho medo. [...] Devemos cuidar do nosso corpo.” (19 anos, feminino, solteira). Outro comenta que “é como se fosse uma pedra no caminho e eu tropeço, não tem hora para vir” (17 anos, masculino, solteiro). Em outra ocasião, um jovem diz que “[...] se tiver que acontecer comigo vai acontecer mesmo, então não dá pra ficar pensando nisso!” (16 anos, masculino, solteiro).

Já que os meios convencionais de informação são insuficientes para informar sobre a vida cotidiana e amorosa quando se vive com a AIDS, o professor de Antropologia e Psicanalista da PUC-SP, Edmilson Felipe da Silva, afirma, em entrevista ao **Contraponto**, que, no processo de esclarecimento, “[...] os filmes auxiliam, na medida em que a participação afetiva e efetiva dos espectadores em determinados temas, ou seja, na receptividade do filme, bem como outras expressões artísticas, os convocam a reaprender a dinâmica social em que vivem”.

A partir de obras como *Os Primeiros Soldados*, é possível romper com o estigma e alterar o imaginário que estrutura o medo vinculado à contração e ao convívio com o vírus. A vida não termina depois da AIDS.

Variola dos Macacos e o embate com a comunidade LGBTQIA+

Profissionais da saúde temem que preconceitos atrapalhem o processo de identificação da doença, levando ao diagnóstico tardio e dificuldades no tratamento

Por Beatriz Porto, Evelyn Fagundes, Gabriela Costa, Pedro Catta-Preta e Ramon Baratella

Nos últimos meses, o mundo presenciou um crescimento preocupante de casos de *Monkeypox*. Com o recuo da pandemia de COVID-19, a maioria dos países relaxou suas restrições sanitárias e voltou a abrir portas e fronteiras, mas a possibilidade de um novo vírus paira novamente no ar.

A doença viral popularmente conhecida como "variola dos macacos" foi identificada pela primeira vez em 1958 em macacos de laboratório. Apesar disso, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a patologia está mais associada a roedores do que propriamente aos primatas. Nos seres humanos, a virose só foi detectada no ano de 1970.

Nesse ocorrido, um garoto de nove anos, natural da República Democrática do Congo, foi contaminado pela doença. Após o episódio, onze países do continente africano passaram a registrar casos de *Monkeypox* em zonas rurais e florestas. Eram eles: Benin, Camarões, Costa do Marfim, Gabão, Libéria, Nigéria, República Centro-Africana, Congo, República Democrática do Congo, Serra Leoa e Sudão do Sul. Assim, a variola dos macacos tornou-se endêmica na África.

Em 2003, os Estados Unidos assistiram ao primeiro surto de *Monkeypox* fora do continente africano. Dos 87 casos suspeitos do país, foram confirmados 20. O vírus teria chegado às terras estadunidenses por meio de cães da pradaria – uma espécie de mamíferos roedores – importados de Gana.

Outro caso em que a patologia espalhou-se foi na Nigéria que, desde 2017, vive com uma epidemia de variola dos macacos com uma taxa de letalidade em torno de 3%, segundo a OMS. A partir de 2018, o mundo testemunhou o aumento de casos, tendo o Reino Unido identificado novos casos em dezembro de 2019, em maio de 2021 e em 2022.

A crise recente

Em maio deste ano, a Europa e os Estados Unidos vivenciaram uma onda de contágios da doença, e os números não param de crescer. Cerca de 80 casos foram confirmados pela OMS em países como Alemanha, Bélgica, Canadá, Espanha, França, Itália, Portugal e Suécia. Em junho, já somavam mais de mil casos em cerca de 29 territórios.

No mês de julho, contava-se mais de 14.500 casos em setenta países. No Brasil, o primeiro caso de *Monkeypox* foi confirmado no dia 09 de junho na cidade de São Paulo. Até o fechamento desta matéria, segundo dados do Ministério da Saúde, o país contava com 4.144 casos. Dentre os estados com os maiores números estão São Paulo, com 2.640, e Rio de Janeiro, com 508.

A posição da OMS

No mês de julho foi realizada uma reunião pela OMS para recomendar medidas de contenção da doença. No evento, o diretor-geral da organização, Tedros Adhanom, afirmou que 98% dos casos confirmados eram de "homens que fazem sexo com outros homens" (HSH) e que algumas medidas de prevenção deveriam ser tomadas por todos.

"A melhor maneira de fazer isso [diminuir os casos] é reduzir o risco de exposição. Isso significa fazer escolhas seguras para você e para os outros. Para homens que fazem sexo com homens, isso inclui, no momento, reduzir o número de parceiros sexuais, reconsiderar o sexo com novos parceiros e trocar detalhes de contato com novos parceiros para permitir o acompanhamento, se necessário", declarou Tedros.

Esse discurso vindo de uma autoridade da área da saúde corrobora para a criação de um estigma em torno de pessoas

LGBTQIA+, ainda que o próprio diretor da OMS tenha dito não ser a sua intenção.

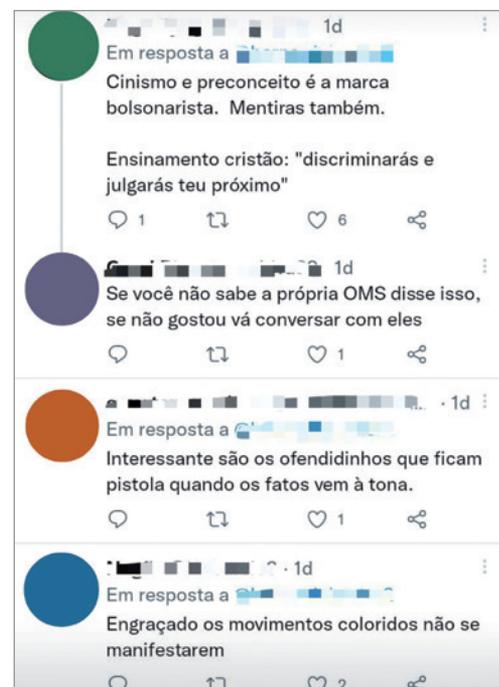
Por parte da comunidade LGBTQIA+, a preocupação principal é de uma afirmação do preconceito existente sobre esse grupo. Já os profissionais da saúde temem que o estigma atrapalhe o processo de identificação da doença e leve ao diagnóstico tardio e, como consequência, a dificuldades no tratamento.

Em entrevista ao Brasil de Fato, a integrante do Conselho Municipal de Saúde do Recife e assessora de Programas da ONG Gestos, Juliana Cesar, apontou o erro do pronunciamento da OMS ao direcionar o comunicado apenas para uma população. Para Cesar, direcionar o discurso para uma comunidade que "concentra números de casos da doença, mas não é a única vulnerável e se dirige somente a ela, essa mensagem, que deveria ser geral – e que não necessariamente é correta –, acaba estigmatizando aquele grupo".

Uma preocupação levantada por Juliana na ocasião, é a reprodução, por parte de entidades da ciência e saúde, dos erros cometidos no início da pandemia de HIV a partir dos anos de 1980. Naquela época a AIDS era tratada como uma "praga divina", isto é, uma consequência enviada para a população homossexual que "vivia no pecado".

Além de associar a imagem da população LGBTQIA+ com doenças contagiosas, o discurso cria uma cortina de fumaça que pode impedir, por exemplo, que heterossexuais busquem métodos contraceptivos

Respostas preconceituosas a um Tweet informativo sobre a variola



e consultem médicos quando apresentam sintomas dessas doenças.

Outro grupo que também pode contrair a doença e ser prejudicado pela negligência são os bebês. Por terem o sistema imunológico mais frágil, eles estão sujeitos a maiores complicações. No Brasil, já foram confirmados dois bebês contaminados, um em São Paulo e o outro na Bahia.

A dificuldade de dar um diagnóstico por conta do preconceito também atinge os profissionais de saúde. Ao Brasil de Fato, Juliana afirmou que teve contato com relatos sobre médicos que, ao descobrirem que a suspeita de contaminação por varíola vinha de um paciente heterossexual, suspendiam a hipótese.

"Se você espalha que isso é doença dos gays, as pessoas começam a atribuir a eles a responsabilidade, a culpa do agravamento se espalhar – o que é péssimo, cria julgamentos morais – e você perde a oportunidade de diminuir o número de casos e focar no que interessa", relatou Cesar ao site. Essa base discriminatória torna defasado o processo do diagnóstico pela doença e, conseqüentemente, torna mais difícil o combate à varíola.

Um caso real

Dores nas articulações e febre moderada foram um dos sintomas sentidos por João Pinheiro. Os primeiros sinais da doença afloraram em uma viagem internacional feita para Europa.

O advogado conta que sentiu um enorme cansaço que poderia ser causado pelo calor escaldante na Europa e, ao fazer suas malas para voltar ao Brasil, sentiu suas ínguas engessadas e doloridas. "Não era algo que estaria 'inchado' ou 'doendo', era uma coisa bem séria do tipo de não conseguir mexer o pescoço", contou João Pinheiros.

"Ainda estou em casa, no meu décimo nono ou vigésimo dia, não existe uma recomendação específica porque vai depender da cicatrização da última ferida que tiver e acho importante isso ser frisado porque não é um isolamento igual a COVID que tem um tempo determinado. Por exemplo, não é ficar cinco dias em casa e não transmitir mais, é recomendado, pela literatura científica e pelos infectologistas, que as pessoas fiquem em isolamento até que a última casca da última ferida caia e nasça uma nova pele cicatrizada", afirmou.

O advogado disse que, no começo, surgiu uma afta em sua boca, mas não ligou



Thread de João Pinheiro que viralizou no Twitter

tanto, já que é algo comum. Mas mesmo com o uso de pomadas a lesão não apresentou nenhuma melhora.

Sua primeira hipótese de como contraiu a doença foi em sua viagem para uma cidade litorânea. Outro ponto foi que frequentou festas com várias pessoas sem camisa com as quais, conseqüentemente, teve contato físico. Além disso, afirmou ter tido relações com outro homem.

Após chegar ao país, sentiu febre na sala de embarque do aeroporto e foi direto ao hospital. O advogado diz que na época em que testou, tudo poderia ser feito através do SUS ou por pagamento de laboratórios particulares.

A escolha de um hospital particular foi por conta do receio de discriminação, porque era algo que o deixava aflito: "cheguei no hospital e me atenderam super bem, só que a médica não entendeu que eu estava com uma dor que não adianta você recomendar um dipirona ou tramal e mandar para casa".

O relato de Pinheiro foi postado em sua conta no Twitter e viralizou ao ponto de muitas pessoas usarem seu tweet como fonte de informação primária ao invés de procurarem um veículo de imprensa ou uma página do governo, "chega a ser assustador como usaram meu tweet, que era pra ser um lugar de debates rasos, para debater informações sérias. É uma vítima que está tweetando, não sou especialista".

Apesar dos casos de homofobia que sofreu tanto dentro das redes sociais quanto fora, João afirma que recebeu inúmeras mensagens positivas. Nos comentários havia homens e mulheres contando

suas experiências e até especialistas contribuíram com informações precisas neste post.

"Nós sabemos que pelo menos a medicina brasileira não está pronta para atender minorias. Eles não conseguem atender nem mulheres que estão em trabalho de parto, que é uma coisa que existe a milênios, quem dirá um homem gay num pronto socorro com uma doença nova. Nós que somos minorias temos que tomar muito cuidado com nossa saúde porque sempre seremos alvo quando surgir algo novo, mas também seremos os últimos a serem cuidados".

A vacina

No dia 25 de agosto, a Anvisa aprovou a liberação de uma vacina de varíola dos macacos, a "Imvanex" (ou "Jynneos", nos EUA). A autorização é exclusiva para o Ministério da Saúde e tem uma duração de seis meses, exceto se for expressamente revogada pela própria Anvisa.

O imunizante, fabricado pela empresa *Bavarian Nordic A/S*, é produzido na Dinamarca e na Alemanha, e já possui aprovação da Agência Europeia de Medicamentos (EMA) e da *U.S. Food and Drug Administration* (FDA) e é destinado a grupos com mais de 18 anos. Ainda não há previsão para o início da vacinação no Brasil.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico disponibilizado pelo Ministério da Saúde no site do Governo Federal, no Brasil, até a denominada "Semana Epidemiológica 33", que foi encerrada em 20 de agosto deste ano, foram registradas 14.054 notificações para *Monkeypox*. Esse dado demonstrou um aumento de quase 38% no número de notificações quando comparado a semana anterior.

Esses casos se dividem da seguinte forma: 3.825 (27%) classificados como confirmados; 258 (1,8%) como prováveis; 4.563 (32,5%) como suspeitos e 5.408 (38,5%) foram descartados.

A transmissão ocorre entre humanos através de fluidos corporais, contato com itens contaminados, como roupas de cama, e/ou contato pele-a-pele. Seus principais sintomas são dor de cabeça intensa, febre, dores musculares e erupções cutâneas; podendo durar cerca de quatro semanas. Quem identificar qualquer um desses sintomas ou tiver tido contato com alguém com suspeita de varíola, procure os postos de saúde da sua região.

O debate acadêmico e político sobre a humanização da saúde

Uma ciência utilizada para a cura que, em compensação, também apresenta seu processo de dor

Por Gabriella Maya, Maria Luiza Tavorali e Rafaela Reis Serra

Segundo o filósofo Michel Foucault (1926-1984), o termo “medicalização”, foi criado para enfatizar a influência da medicina sobre praticamente todas as faces da vida social de grupos e indivíduos. O estudioso também disserta sobre atitudes dentro de ambientes hospitalares, seguindo o debate a respeito da violência em paralelo ao poder, ou seja, como ambos são vistos como sinônimos.

A demanda pela discussão se dá pelas constantes publicações sobre o tema, o qual se reforça ainda mais com base na necessidade da lei de 2003, a Política Nacional de Humanização (PNH). Alguns dos casos mais graves relatados, entretanto, são anteriores à popularização do tema, como, por exemplo, o de Roger Adbelmasih, médico que estuprava e inseminava suas vítimas com seu próprio material genético. Ou tendo em vista casos ainda mais antigos, como o conhecido horror do “Holocausto Brasileiro”, genocídio em massa de pessoas com deficiências psiquiátricas.

Qualquer tipo de violência é reconhecido como uma condição social e de saúde. A questão da violência no meio médico tem sido foco de pesquisas que evidenciam, para além dos problemas econômicos e de infraestrutura que os serviços de saúde sofrem, aspectos socioculturais relacionados às práticas violentas de caráter institucional.

A constância de ocorrências como a negligência na assistência, discriminação social, violência física e sexual demonstram que a estrutura do sistema propicia a violência baseada nos estereótipos e preconceitos sociais mais desmoralizantes à população.

Tendo como base um contexto histórico e social profundamente marcado pela segregação de diferentes grupos sociais, o desenvolvimento da medicina teve, desde

seu princípio, a incorporação de tais pré-julgamentos em seus métodos. Grande exemplo definidor da teoria, seria o próprio crescimento e desenvolvimento das mais diversas técnicas da medicina moderna inseridas na lógica da exploração e experimentação nazista. Além disso, muito do que se conhece hoje como estatutos de ética médica vem dos meios médicos do regime fascista. Segundo a teoria do “ter” de Hegel (1770-1831), os judeus, por terem tido seus direitos fundamentais de vida, liberdade e propriedade extirpados, não eram considerados humanos, apenas corpo. Com isso em mente, médicos nazistas usaram da brecha ética para torturar a população.

Apesar de todo o histórico de testes em humanos de forma hedionda, a medicina surgiu como um instrumento de cura de doenças, cuja consequência levou o homem a tentar superar a morte, ou adiá-la. Gonzalo Vecina Neto, médico sanitarista e professor da Faculdade de Saúde Pública da USP, comenta para o **Contraponto** que a medicina, de certa forma, é antinatural. “A natureza nos leva para um canto que é o adoecimento e a morte, e a medicina tenta nos tirar desse caminho que a natureza nos colocou. Então, em certa forma, a medicina sempre produz um pouco de violência nesse sentido, de nos desviar de um caminho que a natureza nos havia colocado, que é um caminho de dor, é um caminho de sofrimento.”

Para Vecina, a medicina tem um comportamento ambíguo em relação à dor que os pacientes sentem, pois ela fará uma dor que livrará de uma outra dor. “Ela resolve isso cortando, retirando pedaços; ela é violenta de uma forma natural, por assim dizer. Penso que ao longo do tempo, é uma tentativa de diminuir o impacto dessa dor, do duro, que é lidar com a morte”.

“Uma situação em que você coloca para dentro o mais grave e deixa os menos graves esperando é um tipo de violência, só que como os recursos são escassos, estrutura um processo de escolha. É o chamado ‘protocolo de Manchester’, cujo paciente mais grave entra e o menos grave fica. É uma violência e não tem como dizer que não seja uma violência”, explica o médico.

A violência do feminino na medicina

Assim como, em muitos contextos as mulheres, não são vistas como pessoa e sim como corpo, na medicina a perspectiva não difere, uma vez que o direito à propriedade de seu próprio corpo, muitas vezes não é respeitado.

Como relata a professora Carla Cristina Garcia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) “Os tipos de violência que continuam existindo tem a ver com a ginecologia machista e patriarcal que trata as mulheres na hora do parto com a episiotomia – pequeno corte cirúrgico feito na região entre a vagina e o ânus, durante o parto, que permite alargar a abertura vaginal – que geralmente não se pede permissão para as mulheres antecipadamente, não explicam que o procedimento pode acontecer”. A professora ainda comenta sobre o procedimento chamado popularmente de “ponto do marido”, ponto que se dá após o parto para fins de prazeres masculinos, em que também não se pede permissão. “Pode se dizer que a violência que a medicina exerce tem a ver com a violência obstétrica.”

Garcia explica que a medicina vai se tornando uma ciência que legitima e perpetua violências, principalmente a partir do século XIX, quando o seu conhecimento se torna o saber hegemônico e dominante entre todas as outras. “Quando o paradigma científico da medicina decide quem é normal e quem é anormal, essa acaba sendo a maneira pela qual você considera aquelas e aqueles que devem ou não ser internados em manicômios, que controla os corpos e que de alguma maneira determinou também os lugares que as pessoas vão ocupar na sociedade burguesa a partir do século XIX.”

De acordo com relatos de pacientes, retirados do aplicativo de conteúdo médico, *Sanar Flix*, as mulheres, principalmente afrodescendentes e financeiramente desfavorecidas, fazem parte do grupo que mais sofre com a discriminação de tratamento médico.

A enfermeira obstétrica, Aline Baccalar, comenta que já ouviu relatos de mulheres que vieram procurá-la após terem



© Divulgação/Ronaldo Mitt

Pacientes nos corredores do Hospital Geral de Palmas, no Tocantins



© Helena Mendes

Fachada do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo



© Helena Mendes

Complexo hospitalar do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo

acabado de passar por um parto vaginal, com o feto morto, relatando que sofreram violência obstétrica. “Já presenciei médicos sendo agressivos, na hora do parto ‘faz mais força.’”

“Hoje em dia, tornamos essa questão da humanização dos partos como se fosse um grande destaque para aquela equipe que o pratica. E, na verdade, essa humanização é uma coisa básica. É essencial. A mulher que está sendo atendida para ter o seu filho, seja uma cesárea, seja um parto normal, ela tem que ser respeitada e acolhida”, revela Bacelar.

Outra enfermeira de UTI (Unidade de Terapia Intensiva), E.G. (nome fictício), traz um relato em um hospital público. Ela conta a vez em que um suposto criminoso, do qual havia sido ferido por arma de fogo, na região da cabeça, teve seu atendimento postergado, isso porque o pedido de comida, feito naquele dia pela equipe médica, havia acabado de chegar.

“Acelerei o processo, para que esse paciente pudesse passar logo pela cirurgia e acionei a equipe de anestesia, pois só podíamos descer com o indivíduo se a equipe da anestesia descesse junto. As anestesistas não estavam muito a fim de atender o paciente e fizeram várias solicitações, com a intenção de prolongar a espera. Mas eu, em 30 minutos, já apareci com tudo que me foi pedido”, conta a enfermeira.

E.G. relata que fizeram as solicitações acreditando que ela não conseguiria. Quando todos os processos estavam prontos, a equipe estava pronta, o paciente. Só faltava o anestesista. A enfermeira então chamou o médico, que declarou ser impossível ela ter obtido todos os equipamentos. “Mas eu tinha, e fomos a caminho do paciente. Quando chegamos lá, ele se deparou com o caso, se virou para mim e disse, na frente

de todo mundo, ‘eu não sei porque você correu para salvar esse cara’. Era claro que eles não estavam a fim de realizar o atendimento àquele paciente, porque na hora que eu chamei eles, havia acabado de chegar uma pizza para comerem. Quando o entregador fez a entrega, eu os chamei para fazermos o atendimento e o médico ficou com muita raiva.”

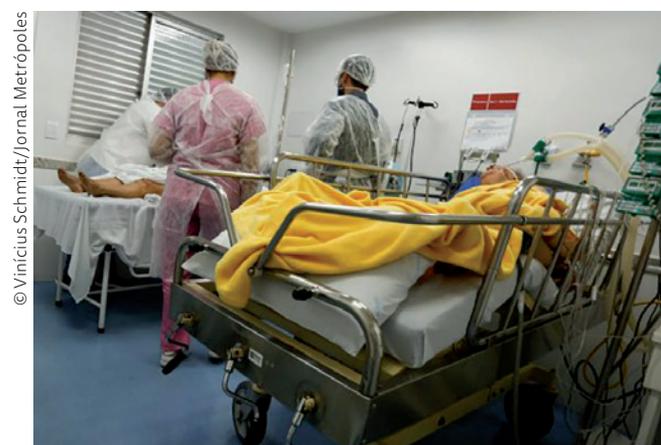
O relato a seguir poderia facilmente ser mais um dos contados por pacientes, principalmente os que utilizam o atendimento de saúde pública. Entretanto, dentro da cadeia de comando médica, é comum que funcionários de menor nível hierárquico sejam, maltratados, subjugados e difamados por seus chamados “preceptores”.

“Nunca sofri nem presenciei violência física dos médicos, mas assédio moral é parte da nossa rotina”, diz a estudante de medicina do 6º ano da faculdade Santa Marcelina, C.H. (nome fictício). Relatou para o **Contraponto** as várias maneiras como foi agredida ou às vezes que presenciou a agressão de seus colegas por parte do médico encarregado pelo caso clínico, durante seu internato – período na carreira médica, durante o quinto e sexto ano de faculdade, em que o estudante acompanha a rotina de seus professores no hospital escola. “Na concepção deles [superiores], eles entendem que a gente só aprende na base da humilhação”.

A estudante de medicina revela que os casos de violência se amplificam, uma vez que, sendo uma mulher em um ambiente até recentemente dominado pela força de trabalho masculino, é comum a ocorrência de citações misóginas e intencionalmente humilhantes. “Já ouvi muito no centro cirúrgico ‘até que você instrumenta bem, para uma mulher.’ É muito degradante ouvir algo assim e não poder se

manifestar por medo de que o preceptor possa te marcar e atrapalhar sua carreira.”

“Há três semanas, estava na UTI e um residente me pediu para trocar o curativo de seu paciente. A residente encarregada do plantão me impediu, e me jogou todo seu trabalho burocrático, que na realidade, sou proibida de fazer, mas é comum que eles nos usem para facilitar seu serviço.” A estudante concluiu explicando que não só sua educação foi prejudicada, como a saúde de sua paciente, e atitudes de descaso como essa são extremamente comuns, e muitas vezes acarretam danos à saúde e do paciente, ou em muitos casos, sua própria vida.



© Vinícius Schmidt/Jornal Metrôpóles

Paciente na UTI de covid de Goiás

Para Alice Bacelar, a medicina deve trabalhar na questão da conscientização. “As universidades devem abordar temas de sensibilização desde cedo.(...) Fazemos juramento para mudar vidas, tem toda uma questão ética. Os meus problemas pessoais ficam fora do hospital”. Já Gonzalo Vecina Neto afirma que todo ato de violência é um ato deliberado, e todo ato pode ser evitado. “É óbvio que, para isso ocorrer, necessita haver decisões.”

Como a visita de Nancy Pelosi pode impactar o Ocidente?

A visita da presidente da Câmara americana a Taiwan e um possível conflito entre China e os EUA

Por Gustavo Henfil, Leonardo Capogchini, Lucas Galeno, Lucas Galvani e Thiago Scorvo



© Nazri Rapaai / AFP (Agence Presse-France)

taiwanesa) para Pequim, capital da China Popular. Apesar disso, o apoio dos EUA se manteve, mesmo que de forma velada, como suporte à democracia local, através de trocas comerciais e apoio bélico. A nação insular mantém relações diplomáticas com apenas 26 países do globo, isso porque seu alto desempenho – conquistado a partir da associação de países do Pacífico, os “Tigres Asiáticos” – a tornou relevante dentro do mercado mundial.

A divisão se torna uma tensão geopolítica, pois a República Popular detém uma legislação que autoriza o uso de forças armadas caso Taiwan declare sua independência formalmente. Além disso, a China também impõe aos parceiros comerciais da ilha o reconhecimento de Pequim como capital legítima, tornando o processo de relações com Taiwan ainda mais delicado. Os Estados Unidos que, mesmo de forma extrajudicial, mantêm relações com ambas, têm interesse estratégico em defender os nacionalistas, não apenas pelo sistema capitalista adotado pela nação, mas também por sua influência estratégica. Uma vez que o estreito de Taiwan é um importante canal para rotas comerciais, o controle marítimo da região gera grande influência em todo o Pacífico, algo que seria de grande interesse americano, pois a ascensão chinesa é sua maior ameaça à posição de maior potência mundial.

Nancy Pelosi visita Taiwan

No início de agosto, a presidente da Câmara dos EUA, Nancy Pelosi, fez uma viagem para Taiwan com o intuito de “honrar o compromisso inabalável da América em apoiar sua vibrante democracia”. Em agosto deste ano, a parlamentar disse, em discurso no escritório presidencial em Taipé, que os norte-americanos não abandonarão os taiwaneses. A presidente Tsai Ing-wen fez questão de agradecer, dizendo que “Taiwan não vai recuar. Defenderemos firmemente a soberania de nossa nação e continuaremos a manter a linha de defesa da democracia”.

Essa, porém, não foi a primeira visita de uma autoridade estadunidense ao território. Em 1997, o então presidente da Câmara, Newt Gingrich, fez uma visita à ilha. Entretanto, existem diferenças entre os contextos, tornando a comparação mais difícil. A viagem de Pelosi aconteceu em meio a conflitos nas relações internacionais entre China e Estados Unidos, além do agravante de ser uma democrata, assim como o atual presidente Joe Biden.

Pelo lado do governo estadunidense, o presidente ainda tentou convencer Pelosi

Com amplo espaço geográfico, a hegemonia ética e ideológica sempre foi um desafio para a China. Desde sua Revolução, em 1949, quando o Partido Comunista assumiu o poder do país, outros grupos começaram a se organizar no que viriam a ser os movimentos separatistas. Entre os nacionalistas, contrários ao socialismo no poder, o grupo liderado por Chiang Kai-shek se exila na ilha de Taiwan (também chamada de ilha de Formosa) e desenvolve o território como uma nação independente e capitalista.

Situada a cerca de 130km do litoral chinês e separada pelo estreito de Taiwan, a nação emergente gerou a divisão entre a República Popular da China e a China Nacionalista. Apesar de independente, a ilha é reconhecida pelo governo chinês como uma província rebelde em seu território, não havendo reconhecimento como país pela ONU e demais organizações internacionais importantes.

Como um agente de segurança, Taiwan tentou estreitar os laços com os Estados Unidos, porém, o acordo durou apenas quinze anos. Dado o restabelecimento de relações diplomáticas com o país socialista, a maior potência mundial desfez o Tratado da Defesa que mantinha com a ilha, além de desativar sua base militar e transferir sua embaixada de Taipei (capital

a não fazer a visita, que foi confirmada apenas no dia da viagem e anunciada assim que a parlamentar chegou em Taiwan. Em conversa por telefone com Biden, o atual presidente da China, Xi Jinping, disse que “quem brinca com fogo acaba se queimando” e ainda acrescentou que o país se opõe à independência da ilha e a interferências externas. Após o fim da conversa, o governo americano anunciou, em comunicado, que sua posição não mudou.

Os Estados Unidos são os maiores apoiadores militares da ilha de Formosa. Em julho deste ano, o Departamento de Estado aprovou uma possível venda de assistência técnica militar para Taiwan, e ainda aconselharam a compra de armamento para combater uma eventual invasão chinesa. Ainda, a marinha americana se posicionou no Pacífico e no Mar da China Meridional para dificultar o acesso naval à ilha.

A visita de Pelosi foi apontada como uma estratégia para agradar alianças na região Indo-Pacífico. Assim, envolvendo também países europeus nas “manobras de liberdade de navegação”, que são realizadas em territórios reivindicados pela China.

No dia 21 de agosto deste ano, o governador do estado de Indiana (EUA), Eric Holcomb, também fez uma viagem para a ilha. Seu objetivo era reforçar as ideias de Nancy Pelosi, e ainda afirmou que não pararia com suas visitas políticas a Taiwan. “Estou energizado para passar esta semana construindo novos relacionamentos, reforçando aqueles de longa data e fortalecendo importantes parcerias do setor com Taiwan e Coreia do Sul”, anunciou o governador em sua conta no Twitter.

Contudo, a China não concorda com a postura americana de influência política, muito por conta de sua própria consolidação como potência mundial. Os chineses tinham, nos anos 1990, um PIB menor que o brasileiro. Hoje, tomam frente como a grande força econômica mundial e adotam uma conduta para que esse feito ganhe destaque. A República Popular da China (RPC) demonstra, por meio de suas últimas ações, querer o reconhecimento de potência no mesmo patamar que os Estados Unidos têm.

Em resposta, o Exército de Libertação Popular da China fez exercícios militares em uma área perto de Taiwan, logo após a visita de Nancy Pelosi. Houve, inclusive, uso de munição real no espaço aéreo da ilha. Essas ações foram vistas como demonstrações de uma “nova era”, com a RPC impondo uma transição global de uma para duas grandes potências no mundo.

Com isso, a relação com os EUA tende a ser ainda mais delicada e representantes do alto escalão chinês têm se manifestado contrários às “ingerências dos Estados Unidos”. O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, comentou sobre a intervenção americana: “Se ignorarmos a interferência [dos EUA] em nossa política doméstica, este mundo voltará às leis da selva e Washington se tornará ainda mais inescrupuloso em usar a força para reprimir outros países”.

O chanceler chinês ainda demonstrou preocupação com o avanço militar no Oriente e pediu para que os americanos obedecessem algumas determinações: “[Devem] respeitar a soberania e a integridade territorial da China na questão de Taiwan, parar de interferir nos assuntos internos da China e deixar de apoiar as forças separatistas de Taiwan”.

Segundo especialistas, as ameaças bélicas a esses territórios não devem incomodar, por agora, as áreas afetadas. A RPC não vai tentar incorporar territórios neste momento, apesar de ser algo a ser discutido pelo governo chinês a longo prazo. Entretanto, falhas no acordo de exigências dos chineses podem desencadear problemas diplomáticos.

Uma das vias mais importantes para a manutenção da paz chinesa na região é a “Lei Anti-Secessão”, que discute sobre o não reconhecimento de Taiwan como um estado, além de o proibir de se tornar independente, sob a ameaça de repressão severa. A China é tão intolerante quanto à soberania taiwanesa que não gosta nem que os governantes de Taipei (capital da província) se refiram às suas áreas como “Taiwan”. Os funcionários públicos chineses, por exemplo, aprendem a tratar presidentes da região separatista como “chefes administrativos locais”.

A constante tensão geopolítica entre ambos países está longe de chegar a um fim. Tendo isso em vista, o **Contraponto** entrevistou Gabriel Marchiori, estudante de “Estudios Globales” na *Universitat Pompeu Fabra*, em Barcelona. Quando perguntado sobre a relevância do conflito no cenário mundial, Gabriel ressalta que “esse possa ser considerado um dos mais importantes conflitos geopolíticos atuais devido à relevância econômica dos atores envolvidos. Os Estados Unidos são um dos principais compradores (e investidores) dos semicondutores taiwaneses, e grande parte deles é usado para finalizar produtos que também têm peças feitas na China continental”.

Ele observa que todos os agentes têm relações diplomáticas entre si, por mais

restritos que sejam, enaltecendo ainda mais a importância de um bom vínculo entre as nações envolvidas. Gabriel ainda aponta que uma eventual invasão chinesa a Taiwan causaria uma recessão global muito mais intensa que a atual. “Os movimentos diplomáticos claramente apontam para um afastamento das potências em blocos, cada vez mais armadas e polarizadas, e a criação de novos acordos de segurança, como a AUKUS ou o QUAD, que visam manter o *status quo* e a supremacia naval americana no Indo-Pacífico. Isso afeta a cooperação internacional em todos os níveis, e dificulta a concretização de diversos acordos ambientais, econômicos e sociais”.

Questionado sobre como uma possível guerra entre China, EUA e Taiwan afetaria o panorama socioeconômico da América Latina e, mais especificamente, no Brasil, o estudante explica que as regiões foram “afetadas pela guerra russo-ucraniana de forma indireta, através do encarecimento da energia global, da inflação nos Estados Unidos e da interrupção das cadeias de produção”. Ele também levanta hipóteses de que o mesmo viria a ocorrer caso haja um conflito armado entre China e Estados Unidos.

Em relação ao possível estopim de uma invasão, Gabriel pontua que a visita de Nancy Pelosi a Taipei evidencia que os Estados Unidos estão prontos para aumentar a aposta e apoiar cada vez mais o exército taiwanês. “A China deve responder no campo econômico, aproveitando a instabilidade do governo Biden e os efeitos da guerra russo-ucraniana. A guerra econômica persistirá, e se agravará independente caso Donald Trump seja reeleito nas próximas eleições ou não”, complementa o estudante. Mesmo que não ocorra uma resposta armada chinesa, o pouso da presidente da Câmara americana em terras taiwanesas evidencia que a guerra de ideologias políticas ainda perdurará.

É claro o risco de uma guerra começar com um simples acidente, ainda mais no período mais tenso entre os dois países. Este aumento de apoio dos Estados Unidos impacta na disputa hegemônica entre eles e a China, principalmente, quando o governo chinês avisou que se Nancy Pelosi fosse até a “ilha rebelde” haveria consequências sérias, mas que uma disputa militar na região de Taiwan não interessa para nenhum dos dois lados.

Além do risco de duas potências se enfrentarem militarmente, esse possível conflito pode impactar negativamente os outros países pelo fator econômico, derrubando o PIB global e deixando o comércio mundial em estado de preocupação.

Ensaio fotográfico Atos pela democracia

Na manhã do dia 11 de agosto, milhares de pessoas se reuniram em frente à Faculdade de Direito da USP, para acompanhar a leitura da carta em defesa da democracia.

Sônia Guajajara faz gesto de resistência em ato pelo direito e respeito às terras originárias indígenas no dia 9 de agosto em frente à Faculdade de Direito da USP



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Mariana Luccisano



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Mariana Luccisano



© Mariana Luccisano

Na PUC, o mesmo ocorreu e contou com a participação de alunos e professores.



No final do dia, outro ato ocorreu em frente ao MASP, na Avenida Paulista.





© Sophia Linares

No dia 22 de setembro foi relembrado no TUCA, os 45 anos de invasão da PUC-SP pelas forças governamentais que, à época, eram regidas pela Ditadura Militar.

O manifesto, escrito por estudantes, professores e funcionários da Universidade, demonstra apoio à democracia e alerta sobre os ataques ao sistema em que vivemos diariamente, relembrando nomes como de Marielle Franco, Dom Phillips e Bruno Pereira e afirmando que “É urgente impedir o livre curso da barbárie. (...) Queremos que o resultado das urnas seja respeitado. Abominamos, de imediato, qualquer tentativa de golpe, intimidação ou desvio do curso do processo democrático. Por isso mesmo, nós nos declaramos em estado de vigília permanente até o fim das eleições e a garantia de empossamento dos eleitos.”

Nós, estudantes da PUC-SP, lutaremos para que a democracia continue firme e que nenhuma tentativa de ataque seja feita. Estamos em estado de vigília de algo que demos muito a conquistar.



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Lídia Castro Alves



© Sophia Linares



© Sophia Linares



© Sophia Linares

Mídias digitais ampliam os horizontes da moda

Em busca de impactar novos públicos, grifes passam a investir em ações com novas plataformas digitais, como games, NFTs e até o metaverso

Por Enrico Souto, Leonardo de Sá, Matheus Monteiro

O mundo mudou e, com ele, a moda também. As mídias digitais transformaram as tendências culturais e estéticas da atual geração. Com isso, as grandes grifes decidiram não estagnar e, na necessidade de atingir novos públicos, mergulharam fundo no setor digital e nas inovações. Esse tipo de proposta poderia ocorrer antes, mas, a partir da expansão de novas tecnologias, atingiu um escopo totalmente novo.

As primeiras iniciativas de marcas com moda digital ocorreram no mercado dos games, que tem crescido exponencialmente. Grande parte dos jogos contam hoje com recursos cosméticos, logo, não foi uma tarefa difícil para as grifes encontrar maneiras de imprimir a sua identidade no mundo dos games.

Apesar de essa relação ter se consolidado apenas nos últimos anos, o primeiro registro de uma colaboração entre os segmentos ocorreu em 2012, em uma parceria entre Diesel e *The Sims*, que rendeu roupas e objetos de decoração para o game de simulação social.

Porém, em 2019, a Louis Vuitton elevou o nível em uma parceria sem precedentes com a Riot Games, criadora do *League of Legends*. Apesar de não serem as primeiras, a grife francesa e a desenvolvedora americana podem se considerar pioneiras pela proporção dessa ação de marketing, realizada durante o Campeonato Mundial de *League of Legends*, em Paris.

A colaboração não ficou limitada somente a skins – como são conhecidas as roupas virtuais. Também foi realizado um desfile que apresentou uma coleção com 47 peças, um clipe musical protagonizado pela personagem Qiyana, que vestia roupas da marca, além do troféu do torneio, também desenvolvido pela grife de Paris.

Com o sucesso dessa *collab*, era de se esperar que outras empresas do ramo se envolvessem em ações parecidas.

Fortnite, outro jogo de grande sucesso, realizou uma parceria com Jordan e Balenciaga. *FreeFire*, por sua vez, colaborou com a Puma, empresa de moda *sportswear* alemã, e a Riachuelo, varejista brasileira.

Contudo, os modistas almejavam mais. A necessidade de se adequar à proposta do jogo em questão, para alguns, se tornava uma barreira criativa. Em busca dessa autonomia, as grifes se apossaram do metaverso, espaço digital onde poderiam exercer as criações com maior liberdade.

Apesar disso, os primeiros experimentos com o metaverso ocorreram justamente nos games. Conceito definido como uma rede de mundos virtuais que busca replicar nossa realidade com foco em conexões sociais, o jogo *Second Life*, de 2003, é considerado o grande precursor.

Delá para cá, muita coisa mudou e, hoje, testes com o metaverso têm sido aplicados, sobretudo, em tecnologias de realidade virtual. Exemplos práticos já podem ser encontrados em jogos como *Roblox* e nos projetos da empresa Meta, a antiga *Facebook*.

Entretanto, o exemplo mais emblemático da fusão entre moda e metaverso ocorreu entre 24 e 27 de março: a *Metaverse Fashion Week*, realizada na *Decentraland*, uma das maiores plataformas aderidas pelos usuários do metaverso e pioneira na aplicação prática desse conceito.

O evento contou com a contribuição de 60 companhias, incluindo as maiores grifes do mundo, como Tommy Hilfiger, Hugo Boss e Elie Saab. Apenas o 'terreno' em que o desfile foi realizado, inspirado na *Avenue Montaigne*, de Paris, foi vendido por 13 milhões de reais. Um pouco antes, em agosto de 2021, a *Dolce&Gabbana* leiloou uma coleção de *wearables* – roupas que só existem online – e arrecadou cerca de 6 milhões de dólares.

Além disso, também pisaram na *Metaverse Fashion Week* marcas nativas digitais, como *DressX* e *Auroboros*, que encontram espaço propício para expansão no metaverso. Analisando esta movimentação, grandes empresas firmam parcerias com essas novas grifes.

A Meta, a título de exemplo, que já havia feito colaborações com Prada, Balenciaga e Thom Browne – todas originalmente lojas físicas – para produzir roupas aos avatares de seu metaverso, anunciou que a própria *DressX* entraria para o time, se consagrando como a primeira grife digital a receber esse convite.



Dolce & Gabbana colocou cabeças de gato em seus modelos para o desfile da Metaverse Fashion Week

Devido a grande parte destas plataformas usarem criptomoedas como base – a *Decentraland*, por exemplo, foi desenvolvida pela *blockchain* *Ethereum* – as NFTs se tornaram o pilar das transações comerciais no metaverso. Em termos gerais, NFTs (tokens não-fungíveis, em inglês) são símbolos eletrônicos que representam ativos, como roupas, fotos e obras artísticas.

Um dos grandes motivos da inserção da moda no mercado dos NFTs está na exclusividade gerada pelos comprovantes de autenticidade das peças, códigos armazenados em um grande banco de dados. A primeira venda de uma peça em formato digital foi feita pela *The Fabricant*, em maio de 2019. O vestido iridescente da marca se tornou, através do processo de autenticação digital, único.

Com a popularização desse novo tipo de transação, as grandes empresas da moda não ficaram de fora. A *Burberry*, em parceria com a *Mythical Studio*, lançou uma coleção de NFTs em *Blankos-BlockParty*, game multiplayer de mundo aberto, no qual os jogadores podem comprar, vender ou coletar os brinquedos de vinil NFT. Para a divulgação da grande grife inglesa, o jogo contará com acessórios digitais produzidos pela própria marca, como pulseiras, tênis e jetpacks.

A *Gucci* não ficou de fora e lançou sua primeira NFT como um fashion filme, inspirado na coleção *Aria*. O token que celebra os 100 anos da empresa foi vendido por 25 mil dólares, no dia 3 de junho de 2021.

Sem surpresas, as marcas nativas digitais também tomam a frente na popularização das NFTs. A empresa brasileira *hōlstudio* vem trabalhando exclusivamente com o ecossistema digital, mostrando uma moda sustentável e independente.

Os criadores da *hōlstudio*, David Chang e Bernardo Nery, ainda anunciaram o início da marca *Fuzzee*. Compartilhando os ideais da *hōl*, a *Fuzzee* transformará dez *looks* em NFTs, sempre focando na arte e na redução de lixos produzidos pela moda.



© Reprodução/Riot Games

Louis Vuitton veste Qiyana, personagem da girl band virtual de kpop K/DA

Do underground ao TikTok: o ressurgimento do pop rock

Nostalgia cultural e ideológica dos anos 2000 volta a viralizar nas redes sociais

Por Catarina Pace, Isabela Lago, Isabela Santos, José Pedro dos Santos e Sophia Pietá

No começo dos anos 2000, a estética pop-rock dominou as paradas musicais e as peças de roupa de toda uma geração. Tecidos pretos, de couro e metalizados, camisas de bandas de rock, maquiagens carregadas e acessórios com correntes são alguns dos elementos que expressam o visual desse estilo, junto a cantores e bandas que narram trilhas sonoras de uma tendência que marcou uma cultura com suas músicas *hardcores* e sentimentais, como *My Chemical Romance*, *Avril Lavigne* e *Paramore*.

Provando que a moda é cíclica e os estilos ressurgem de acordo com um período histórico ou cultural, a geração Z vive a nostalgia dos anos 2000 e traz de volta as tendências pop-rock para a realidade. De acordo com a jornalista de moda Giuliana Mesquita, muitos jovens vêm descobrindo o que foi esse movimento no passado e se identificando com ele, do mesmo modo que as pessoas do começo dos anos 2000 se identificavam com o *grunge*, o *glamrock* e outros estilos mais antigos. Naquela época o estilo era propagado em redes sociais como o *MySpace*, o *Tumblr* e o *Fotolog* e, atualmente, as mídias também são o grande pilar do pop-rock como o *TikTok* e o *Instagram*, que possuem diversos perfis e *hashtags* com a estética.

Tanto na moda quanto na música, o estilo emo ressurgiu forte entre a nova geração e o momento atual em que vivemos é uma explicação para esse *boom*. Após o mundo passar por uma pandemia e quase dois anos de isolamento social, um lado sentimental e sombrio dominou essa geração, que com o alcance das redes sociais puderam se reconectar com os anos 2000 e se identificar com a cultura daquela época.

Mesquita acredita que esse estilo de música mais melancólico e emo cresceu novamente, pois exprime alguns dos sentimentos que a sociedade estava vivendo durante o período de isolamento. E o mesmo ocorre na moda, já que as turbulências vivenciadas foram manifestadas nas roupas, cabelos e maquiagens dessa estética pop-rock. Revisitar o passado é uma forma que a geração atual tem de resgatar toda uma identidade vivida anteriormente, e isso vai além da estética visual e sonora.

Recentemente, mídias e produções culturais retomam a tendência em suas trilhas sonoras e figurinos, como por exemplo, o filme *Cruella* (2021), com seu visual inspirado no punk e a série *Stranger Things*, com música estilo *metal* e peças que, apesar de simples à época, viralizaram pela influência de seus fãs.



Modelos posam com peças do punk e do pop rock

Além da música, peças como botas pesadas e *belly chains*, calças *wide leg* e jaquetas de couro voltam às vitrines, trazendo de volta a nostalgia *vintage*. Roupas não são as únicas a aderirem à tendência, os cortes e tons de cabelo mais vibrantes e artificiais também acompanham a moda. O coque “espetado”, ou “*spiky hair*” voltou a ser o penteado favorito entre as celebridades.

A *trend* dos anos 2000 já foi usada por Billie Eilish, Gigi Hadid e Doja Cat, que além do coque, adotaram o gel de cabelo retomando uma *vibe* de *Matrix* (1999), com seus sobretudos pretos e roupas de couro.

Grifes como Chanel e Yves Saint Laurent já anunciam a volta da tendência em seus desfiles; Chanel apostou em cortes de cabelo repicado e delineados gráficos em seu *Resort 2022 Fashion Show*, do diretor criativo Virginie Viard, enquanto Saint Laurent retomou peças de alfaiataria e estampas como *animal prints* e xadrez em sua coleção de inverno 2021, de Anthony Vaccarello.

Coleções já datadas de Vivienne Westwood, conhecida por sua influência nas origens do punk, voltam a ser compartilhadas em redes sociais principalmente por seus *corsets* e *corselets*. Seus desfiles recentes também investem em xadrez e sapatos de salto plataforma.

A segunda instalação de Matthew M. Williams para a *Givenchy Fashion Week 22* conta com botas de cano alto e calças de couro e o próprio logo da marca foi representado em suas roupas com uma fonte semelhante à de logos de bandas do rock. Bruna Marquezine esteve presente no desfile e se impressionou com o diretor de criação da grife, Williams. Ela também aderiu à tendência do desfile e usou peças de cor preta e bota de cano alto, que se tornou um ícone dessa estética. Para a

revista *Vogue*, Marqueline afirma que o design da *Givenchy* faz com que as pessoas se sintam “confiantes, sexy e mordazes”.

Quando se trata de representatividade desse movimento no Brasil, vale a menção a *Fkawallys Punk Couture*, que exibiu seu estilo auto-denominado “punk tropical” na 48ª Casa dos Criadores em 2021. Com o desenvolvimento de uma customização autoral, o estilista Fábio Gurjão levou ao mercado elementos como *spikes*, *animal prints* e correntes.

O couro, muito presente nos estilos alternativos, também volta a aparecer através de marcas. É o caso da coleção de inverno 2021 da marca *Celine* e até mesmo da *Balenciaga*, que, em seu desfile de 2023, apresenta correntes e adornos de metal, remetendo ao “*fetishcore*”, uma estética sensual e punk. Outras peças desse estilo que se popularizaram foram os *harness*, as *body straps* e o látex.

Fora das passarelas, peças que se adequam à estética do rock já fazem parte do dia a dia. O salto plataforma, popularizado pela *Versace* em 2021 com seu sapato *Medusa Head*, ganha um aspecto alternativo, com cano alto, tons escuros e textura remetente ao couro. Conhecida como plataforma *Angel*, é acompanhada de meias calças, minissaia e até casacos *oversized*.

Outro a virar tendência seria o coturno e os saltos tratorados, remetendo ao movimento punk dos anos 1990. Sejam pretos, vermelhos ou brancos, os coturnos são usados com jaquetas, jeans e blazers de alfaiataria.



Tendência pop-rock na moda



Modelo veste peças punk, como a jaqueta de couro, as correntes e os espinhos

Um exagero na composição de colares e correntes é usado como complemento de um visual gótico. Elementos como a corrente, os *spikes* e as gargantilhas grossas compõem o *look* com *handbags* e *ecobags* menores que também levam o elemento da corrente. Além disso, clássicos como o colar com o logo da Vivienne Westwood voltaram a ser procurados.

Na parte de cima, *corselets*, *corsets* de couro e com amarrações e *body straps* em tons escuros trazem uma estética sensual no meio do rock. Junto a elas, casacos grandes de alfaiataria, como coletes, são usados na temporada de inverno. Camisas com *animal prints*, xadrez e textura de couro são prediletos, assim como blusas de tule.

Calças *mom jeans*, *wide leg* e cintura baixa também voltam a aparecer graças a essa nostalgia dos anos 2000 e anos 1990 – o jeans, como peça atemporal, ganha esse aspecto alternativo. A cintura baixa também abre espaço para *cropped*s e *belly chains*, estilo que é ilustrado e influenciado por figuras como Bella Hadid.

Uma coisa que todos têm em comum é a predominância da cor preta e a ausência do colorido, dando um tom melancólico e obscuro ao visual. Correntes e a acessorização resgatam a ideia de amarras, de estar confinado, que ilustra bem a mentalidade daqueles que viveram a pandemia e carregam esse período na aparência. O rock, em sua origem, vem também como ideia de protesto e contestação a sociedade e autoridade, o que reflete na atuação de muitos jovens em período eleitoral e em seus posicionamentos em pautas sociais.

Giuliana Mesquita também considera o estilo um espaço para a customização e liberdade de expressão, e lembra que modificações em roupas e aparência ficaram em alta durante a pandemia.

“Eu acho que os principais elementos que voltam são ligados à customização, dos alfinetes, do quadriculado, dos cabelos coloridos. É mais um estilo no geral, que pode ser modificado de acordo com a personalidade da pessoa. Acho que as camisetas de rock também voltam bem com esse conceito”, afirma Mesquita.

Grande parte desse retorno está ligado às redes sociais mais famosas da atualidade como o *Twitter*, *TikTok* e *Instagram*. As redes possuem grande influência nesse estilo e a partir delas surgiram vários “*influencers*” que ganharam destaque no pop-rock atual, tanto na música quanto na moda.

O Tik Tok recebeu uma enorme popularidade durante a pandemia, e no aplicativo surgiram *trends* virais com músicas antigas como “*I’m Just A Kid*”, do Simple Plan, de 2002 e “*Dear Maria, Count Me In*”, de 2008 do All Time Low, trazendo o estilo de volta aos holofotes. Logo em seguida artistas adeptos ao pop-punk ganharam fama após viralizarem no *app*, como Chase Hudson, Nessa Barrett, Jaden Hossler e Olivia Rodrigo.

Rodrigo tem grande contribuição para a volta desse estilo após o lançamento de sua música “*Good 4 u*” que se tornou a mais tocada em formato *streaming* no mundo. Seu clipe, dirigido por Petra Collins, contém figurinos inspirados nos anos 2000, som de guitarra e a mistura perfeita entre o pop e rock. Não demorou muito para a música se tornar viral no TikTok, transformando a atriz e cantora em uma referência quando se trata do assunto.

A moda conquistou a atriz Megan Fox, que passou por uma mudança de estilo recentemente após iniciar seu namoro com o cantor Machine Gun Kelly e começar a ser vestida pela stylist Maeve Reilly. Fox passou a aderir à moda pop-punk e seus *looks* se tornaram evidência no mundo da moda. Esse tipo de visibilidade fez com que o estilo virasse nicho importante no Tik Tok e Instagram.

Dessa forma, conteúdos como “*Get Ready With Me*” (do inglês, “arrume-se comigo”), tomaram conta das plataformas, popularizando *influencers* como Natalia Canguero, Malu Borges e tantas outras que ajudam a propagar tendências. Montando *looks* formados por meia arrastão, cintos com *spikes*, peças de roupa em xadrez e couro, elas mesclam a cultura pop dos anos 2000 com o punk dos anos 1970, de uma maneira descontraída que estimula seus seguidores a utilizarem e admirarem o estilo vintage descolado, que voltou a estar em alta.

A música também se virou novamente para o punk-rock e para o pop-rock. Artistas como Olivia Rodrigo, Miley Cyrus, Machine Gun Kelly e Maneskin, trazem a sonoridade e a estética desse gênero em seus trabalhos.

Bella Hadid e modelo com peças em referência ao estilo pop-rock de 2000



As referências ao gênero não são novas, e podem ser vistas, por exemplo, quando o rapper Vince Staples, em seu álbum de estreia *Summertime '06* (2015), homenageia a capa *Unknown Pleasure* (1979) da banda punk, Joy Division. Ou quando Kanye West interpolou a música *Iron Man* (1970), do Black Sabbath, em *Hell Of A Life* (2010), mesmo que esses artistas citados, não se consideram membros do estilo pop-punk ou pop-rock.

Por outro lado, esses novos artistas, não só trazem a sonoridade, como carregam a estética e se consideram membros do gênero, subvertendo os conceitos do punk e do rock e revitalizando o estilo. A banda italiana Maneskin, foi vencedora do Eurovision 2021. O quarteto traz de volta a energia e a emoção da cena rock e a modifica para as expressões, ideias e conceitos da geração Z. A banda usa em seus shows roupas combinando, como as bandas de rock clássica, com macacões e roupas de couro. O estilo enérgico da banda, tanto nas músicas como nas roupas, rendeu a eles o convite da Gucci para serem modelos para a campanha da coleção *Aria*, assinada por Alessandro Michele.

A cantora Olivia Rodrigo é grande exemplo dessa cultura atualmente. Em seu primeiro álbum, *SOUR* (2021), colocou duas músicas com a produção de pop-rock. A primeira faixa do EP, *Brutal*, na qual Rodrigo mostra para o público como ela se sente e as principais ideias do trabalho e, também, o *hit* *Good 4 u*, um pop-rock sobre término, com instrumental feito em cima de um *riff* de guitarra e uma bateria verdadeira, construindo a sensação da raiva e tristeza que a artista sentiu ao escrever o álbum.

Além desses exemplos, Miley Cyrus, trouxe o estilo à tona no seu último trabalho, *Plastic Hearts* (2020), com direito a referência a canção *Sympathy For The Devil* (1968), do The Rolling Stones, na faixa título. Outros artistas como Willow Smith e Machine Gun Kelly também se aventuraram nesse “novo velho” estilo, levando sonoridades com artistas que faziam muito sucesso e eram exemplos do estilo nos anos 2000, como Avril Lavigne e Travis Barker, ex-baterista do Blink-182.

Brechós arrecadam novos públicos e significados em meio à viralização nas redes sociais

Com a ascensão do segmento em meio à pandemia, empreendedores aproveitam alta no mercado fashion com incentivo do TikTok e Instagram

© Sophia Dolores



Brechó Dona Clô,
loja localizada em Perdizes

Por Gustavo Pereira, João Curi e Sophia Dolores

Apesar de serem tradicionais em todo o mundo, os brechós passaram por mudanças significativas nos últimos anos, seguindo as novas tendências de consumo alinhadas às novas tecnologias. Um levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) apontou que, das 958 pessoas entrevistadas, 33% compraram produtos usados pela internet entre 2020 e 2021, ao passo que roupas e sapatos representam 24% dos objetos mais adquiridos da categoria.

Segundo análise do Instituto de Economia Gastão Vidigal da Associação Comercial de São Paulo (IEGV/ACSP), o número de vendas no segmento deve crescer 30% em 2022, comparado ao ano anterior, quando o faturamento era de R\$ 2,9 bilhões. Outra pesquisa, realizada pela *ThredUp*, ainda estima que a categoria de vendas de roupas usadas deverá alcançar US\$ 64 bilhões até 2028, sendo um valor maior do que o esperado para o departamento de *fast fashion* (US\$ 43 bilhões).

Todo esse processo tem incentivado o surgimento de microempreendedores nesse ramo nos últimos anos. Segundo o SEBRAE, já são mais de 13 mil pequenos negócios focados no setor em nosso país. É o caso de Camila Guerrero, que administra o Brechó “Dona Clô” há um ano, no bairro Perdizes, em São Paulo. Depois de comprar o comércio com o estoque pronto de outra proprietária, a empreendedora se cadastrou como MEI para ter um suporte maior. “Dessa maneira, além de garantir meus direitos, consigo também estar legalizada”, explica.

O ambiente digital, por sua vez, especialmente as redes sociais, incentivaram pequenos empresários a investirem em brechós online. Foi nesse cenário que surgiu o

Brechó “105”, uma marca sustentável que busca resgatar a singularidade de peças que podem estar esquecidas no fundo do guarda-roupa. Antes de iniciar o seu negócio, o empreendedor Pedro Henrique teve que perguntar à mãe, Denise Ferraz, do que se tratava este ramo. “Em 2019, ela começou vendendo desapegos de suas amigas e chegava com várias sacolas de roupas”, re-

lata. “Então, começamos a entender mais sobre garimpar, ir a bazares, ir em outros brechós e até mesmo desapegar das nossas próprias roupas”, completa.

Nesse contexto, apesar das redes sociais apresentarem alguns empecilhos, como a falta do contato dos clientes com a peça ou a dependência do algoritmo para alcançar os usuários, o ambiente digital se demonstrou aliado de Pedro no processo de criação. “Tem prós e contras. Eu tenho clientes de vários estados, então isso já é um ponto bom”, afirma. Ele ainda ressalta a praticidade do processo de venda virtual. “Eu anuncio as roupas no *Instagram*, a pessoa me paga e envio no outro dia. Não tem erro”.

Da mesma forma, o brechó “Capricho à Toa” não ficou para trás diante desse processo de modernização, e em meio à pandemia, viu no formato online uma forma de alcançar novos públicos, como aqueles incentivados pelas redes sociais. “Principalmente clientes vindos do *TikTok*, a geração Z”, revela a fundadora Denise Pini. “Ainda mais que começamos nosso *e-commerce* na pandemia, já que nossa loja física não podia abrir. Nossos clientes fiéis se mantiveram e se adaptaram à compra online, mas novos também surgiram”.

Denise ainda comenta que o estigma de que brechós só vendem roupas “velhas” têm se convertido em uma nova visão. “A ideia de se comprar roupas usadas ainda é um tabu, mas não como antigamente. Hoje o movimento da moda circular é uma pauta que tem se falado cada vez mais”, aborda. “Não só a compra em brechós aumentou pós-pandemia, mas também a venda de roupas para brechós, que não era comum”.

Segundo Mare Baptista, estudante de moda que atua profissionalmente na análise e consulta de tendências, os brechós nada mais são do que uma forma de aumentar o ciclo de vida de uma peça. “Você não quer jogar a roupa no lixo, quer contribuir com o meio ambiente, então você

pode doar ou até vender”, conta. “O papel do brechó na moda é acolher as peças que já não estão mais em uso”.

Por outro lado, a estudante ressalta que os brechós tradicionais costumam oferecer peças *vintage* e únicas, o que acaba sendo prejudicado pela divulgação viral nas redes sociais que estimulam a concorrência. “Alta demanda em cima de produtos que estão em tendência, em bom estado, que sejam únicos e customizáveis faz com que quase ninguém encontre o produto que procura”.

Em alguns estabelecimentos, inclusive, existem peças datadas de antes dos anos 1970. Esse conteúdo *vintage* é conservado nos brechós e contribui com a teoria dos vinte anos, que consiste em uma tendência que retorna ao mercado de forma repaginada. “Agora, por exemplo, muitas pessoas buscam os brechós para encontrarem peças da estética dos anos 2000, conhecida como Y2K”, comenta Mare. “Ela voltou em alta no *streetwear* e foi influenciando as grandes marcas de moda, como a “Miu Miu” fazendo saia de cintura baixa”.

Contudo, é necessário considerar o impacto ambiental que acompanha a indústria têxtil, que representa 8% da emissão de gás carbônico na atmosfera – atrás apenas do setor petrolífero. A prática de *fast fashion* incentivou um consumo exacerbado, rápido e de baixo custo que exige muito das capacidades do planeta. Segundo levantamentos deste ano da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (NOAA, em inglês), os continentes asiático e europeu registraram o segundo mês de junho mais quente desde 1880.

Nesse sentido, os brechós são comumente atribuídos a uma carga sustentável dentro da indústria da moda, considerando as práticas de reutilização de roupas e acessórios. É o que reforça Denise Pini, presente no mercado há mais de 30 anos: “O cliente está mais consciente. Aumentou o número de pessoas que buscam o brechó, principalmente os jovens, pois eles sabem que lá eles apoiam a sustentabilidade. O produto mais sustentável é o que já existe e é com isso que eles se preocupam hoje”.

Entretanto, Mare alerta que os efeitos positivos desse segmento de revenda não sustentam resultados a longo prazo, tendo em vista que os produtos que ficam estacionados no estoque têm o mesmo destino das peças comuns de *fast fashion*: os aterros sanitários. “Mas isso não é culpa dos brechós, que continuam sendo uma alternativa sustentável a curto e médio prazo”, defende a estudante. “O problema está na produção têxtil, que aumenta cada vez mais e não acompanha o volume de vendas, produzindo peças que vão ser jogadas fora”.

O papel das propagandas no aumento de transtornos alimentares

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) diz que o número de cirurgias plásticas cresceu 140% entre os adolescentes

Laura Mello, Marcela Foresti e Paula Moraes

Ao longo dos anos, os meios de comunicação estabeleceram sua própria definição do que seria a maneira “ideal” de apresentar-se. Composta pelo corpo magro e sem marcas, a pele impecável, o cabelo hidratado e sempre no lugar e as roupas da última moda sempre perfeitas.

No mundo real, essa perfeição não existe. O ser humano é desigual. Cada corpo tem seu formato, a pele nem sempre está perfeita, cada cabelo é de um jeito e a roupa, às vezes, é o que vai ser confortável para aguentar o dia.

As propagandas midiáticas e o ideal que elas constroem influenciam uma grande parcela da sociedade, principalmente jovens mulheres, que sentem que precisam atingir esse ideal para serem aceitas pela sociedade. E, por conta disso, muitas acabam desenvolvendo problemas psicológicos, como depressão, ansiedade e transtornos alimentares, na busca de alcançar aquilo que veem nas propagandas.

“A gente, infelizmente, vem de um histórico da publicidade no qual sempre foi muito comum que a gente utilizasse edições fortíssimas principalmente nas modelos. Não tem como ignorar o fato que, na verdade, isso é uma construção cultural e social que se definiu como ‘bela’”, comenta a publicitária Rebeca Miscow.

Há um movimento que, ao mesmo tempo em que vai contra essas imagens irreais, também preza pela realidade e representação. A atriz norte-americana Zendaya, por exemplo, em uma capa para revista *Americana Modeliste*, em 2017, se viu completamente diferente após as alterações feitas pelos editores da revista em seu corpo, e resolveu



Antes e depois do Photoshop feito em ensaio da atriz Zendaya, para a Revista “Modeliste”

veicular em suas redes sociais as imagens originais, apenas com maquiagem e cabelo arrumado, sem photoshop e retoques exagerados, junto de uma objeção pública contra a ação da revista.

Para Miscow, a publicidade, assim como o jornalismo, tem a função de informar sobre as marcas e produtos e o uso de imagens irreais não é algo benéfico para os projetos. “Normalmente, ali a gente está falando sobre a realidade de marcas, empresas ou instituições, então porque não usar a verdade? Não faz sentido usar nada que seja irreal.”

A busca pela perfeição se tornou um problema global e pode ser considerada questão de saúde pública. O parlamento britânico, vendo esse crescente aumento, criou em agosto deste ano um projeto de lei que exige que anúncios que tenham sido alterados digitalmente devem conter um aviso de que houve modificações na imagem.

Em 2018, as atrizes Lili Reinhart e Camila Mendes fizeram uma sessão de fotos para a edição das Filipinas da revista *Cosmopolitan*. Posteriormente, as atrizes vieram a público criticar a revista pelas edições feitas no corpo de ambas, diminuindo suas cinturas, para encaixá-las no padrão de beleza do Oriente. “As empresas de publicidade editam o corpo das pessoas com o intuito de atender a agenda da beleza e da perfeição da cultura que ela está inserida”, diz Miscow.

O psicólogo André Ryoki explica que o ideal de beleza é reforçado pelas imagens manipuladas espalhadas pelas mídias e que não é algo tangível. Além disso, ele reforça que a disseminação de edições nas publicidades e nos meios de comunicação causam e agravam quadros de transtornos alimentares. Durante a pandemia, segundo o Royal Children’s Hospital, houve um crescimento de 48% no número de internações por transtornos alimentares e, além disso, as mulheres representam 80% das pessoas que mais sofrem com esse quadro.

Ademais, ele diz que estimular um ideal inatingível de beleza ao consumir conteúdos com imagens manipuladas faz com que o indivíduo decida fazer uma intervenção cirúrgica. “Se eu não sou aquilo e nunca serei, o que me resta é uma intervenção no real, na carne. Vou fazer o que o photoshop faz na fotografia: eu vou no cirurgião plástico para ele fazer na minha pele”.



Photoshop realizado em Lili Reinhart para a revista *Cosmopolitan Phillipines*, em 2018

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) diz que o número de cirurgias plásticas cresceu 140% entre os adolescentes de 13 a 18 anos somente em 2021. O Brasil é o país que mais realiza cirurgias no mundo. São cerca de um milhão de procedimentos por ano. A mais realizada é o silicone, seguido da lipoaspiração e blefaroplastia (procedimento para corrigir pálpebras caídas).

O consumo em massa reforça um ideal cultural impossível. “Trata-se de uma retroalimentação bem cruel”, comenta Ryoki e finaliza: “nós nos organizamos em sociedade e a gente nunca está sozinho. Isso implica que a gente não é a gente sozinho. Nós somos sempre para o outro, com o outro, em relação ao outro e tendo o outro como parâmetro e como espelho.” Com isso, entende-se que a publicidade, querendo puxar o apelo da massa, tenta se fixar em um padrão inalcançável, fazendo com que essa massa de consumo continue em busca desse “outro” perfeito. Assim, até os corpos expostos em anúncios e tidos como ideais apresentam edições para chegar mais perto do conhecido como “perfeito”.

Etarismo e LGBTQIA+fobia: Idosos lutam contra a convergência de discriminações

Sobre as dores silenciadas de viver, resistir e envelhecer debaixo da bandeira colorida

Por Bárbara More, Larissa Isabella, Livia Veiga Andrade e Victor Trovão

“Se o tempo envelhecer o seu corpo, mas não envelhecer a sua emoção, você será sempre feliz”, escreveu o psiquiatra e escritor brasileiro Augusto Cury. Evitada por muitos, a palavra “envelhecer” por si própria causa constrangimento. Ao nascer, somos expostos a inúmeros questionamentos, hipóteses e pensamentos. Em contrapartida, temos apenas uma certeza: nos tornamos longevos a cada dia.

A atividade orgânica dos corpos não pode ser controlada. Não há saída quando o tempo se torna o regedor da vida. No entanto, ao pensar na existência das velhices, deve-se entender que cada uma delas é extremamente singular a cada pessoa, com reflexo de diversos fatores e, dentre eles, o pertencimento a um grupo social.

O filme “Suk Suk: Um Amor em Segredo” (2019), produção de Hong Kong, narra a história de dois homens idosos, Park e Hoi, que passaram uma vida inteira sem poder assumir a homossexualidade. Quando chegam aos 60 anos, além de lidarem com as dificuldades do envelhecimento, eles enfrentam o julgamento do mundo sobre a legitimação da existência das sexualidades dos dois.

Paralelamente, essa é a realidade de várias pessoas LGBTQIA+ no Brasil e no mundo, que, com o passar dos anos, são pautadas pelas faces do etarismo acentuadas pela discriminação das orientações sexuais.

Transformação na luta

Por meio do ativismo no Brasil, membros da comunidade lutaram pela transformação da realidade em prol de suas existências. Muitos deles tiveram as vozes caladas e as vidas perdidas. As resistências

que sobreviveram e continuam a sobreviver, ao longo de décadas, batalham por um mundo em que se possa viver.

Essa luta diária de ganhar o devido espaço na sociedade levou anos para acontecer e garantir a realidade que hoje se conhece, com um número cada vez mais progressivo de pessoas que fazem parte das siglas. Com os anos, essas vozes também sofreram as implicações do tempo e envelheceram. Velhices com algumas similaridades com o padrão heteronormativo, mas com desafios extremamente diferentes pela sua singularidade.

Sexualidade na terceira idade

A associação sem fins lucrativos, Eternamente Sou, foi criada em 2017 com o intuito de atuar em prol das pessoas idosas LGBTQIA+ através da implementação de serviços e projetos com foco no atendimento psicossocial. Luis Baron, presidente da associação, expôs a importância da existência de projetos dedicados aos idosos da comunidade.

“A questão da velhice, em geral, é muito delicada, é tratada como heterossexual e assexual. Como se, quando a pessoa fica velha, ela não tem mais sexualidade. A minha orientação e a minha forma de enxergar o mundo são dispensadas. Torno-me a ‘pessoa velha’, como se aquilo fosse a classificação de tudo que eu sou”, ressalta Baron.

Para ele, a destituição das individualidades da pessoa na velhice é comum a todos os indivíduos, mas sofre um agravamento quando se trata da população *queer*. “Quando você destitui a sexualidade dessas pessoas, você destitui a diversidade. Somos diversos em função da nossa sexualidade. Algumas pessoas, com a necessidade de sobreviver dentro de um ambiente que as acolha efetivamente, realmente abandonam a sua orientação ou a até a identidade.”

Membro da Eternamente Sou, Ângela Fontes, aos 70 anos, revelou o desejo de poder expressar livremente o seu amor ao lado da companheira. “Os idosos estão ficando muito esquecidos, eles vivem ali no seu cantinho, no seu mundo. Estamos batalhando para conseguir o básico

para que o idoso possa viver a sua vida normal. Já que nós estamos juntas há 28 anos, eu quero viver com ela. Onde eu estiver, quero passar com ela.”

Luis Baron ressalta que a Parada LGBTQIA+, realizada na Avenida Paulista, é um dos maiores e mais importantes eventos da cidade de São Paulo. “É o nosso dia. Eu falo que a Feira da Diversidade é o Natal das ‘bixas’ e a Parada é o Réveillon das ‘bixas’. Então vamos festejar, vamos soltar foguete e vamos batalhar para que a gente tenha uma existência melhor e para que as futuras velhices tenham uma velhice muito melhor do que a minha.”

A Parada LGBTQIA+ é uma das maiores representações de resistência e luta da comunidade. O evento acontece anualmente na Avenida Paulista desde 1997 e tem um poderoso efeito nos cenários político, social e, até mesmo, econômico.

Apesar de ser um símbolo de poder, é também considerada uma comemoração, por isso, fica atrás apenas do Carnaval. Todo o clima de festa é um momento de descontração dentro dos muitos dias recheados de medo e inseguranças que cercavam e ainda cercam a vida de pessoas LGBTQIA+.

Sua primeira edição foi chamada de “Parada do Orgulho GLT” e englobava apenas os gays, lésbicas e travestis. Em 1998, foi criada uma organização não-governamental que se responsabilizou por toda a estruturação do evento, visando mais segurança e diversão para quem fosse participar do desfile. A Associação do Orgulho GLBT, hoje conhecida como APOGLBT-SP, já começava a pensar em uma comunidade um pouco mais abrangente e que conseguisse incluir outras sexualidades.

Como o etarismo existe na comunidade

A assistente social e gerente da unidade de Brasília do Núcleo de Convivência de Idosos (NCI), Elaine Cristina da Silva, frisa a necessidade de mais programas de acolhimento, profissionais preparados e uma rede de suporte para idosos *queer*.

“O etarismo, assim como qualquer outra forma de preconceito, se manifesta através de diferentes maneiras de abordagem ao idoso, como piadas, infantilização e atitudes de exclusão. Ninguém deixa de ter desejo ou sentir-se amado. O que acontece, e muito, é que o idoso é considerado pela família ou grupo que vive como um sujeito assexual”, reflete Silva.

© Bárbara More/Parada LGBTQIA+ 2022





Com unidades em toda a São Paulo, o Núcleo de Convivência de Idosos contribui para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo. O serviço oferece acompanhamento domiciliar e atividades socioeducativas presenciais que favorecem a qualidade de vida, além de incentivar a convivência e participação social. As unidades reforçam a necessidade de implementação de mais projetos sociais voltados à população com mais de 60 anos.

Conflito geracional

“Eu estive na primeira Parada, então ver uma edição com três milhões de pessoas é importante. Ela ganha robustez e representatividade cada vez maior, com uma população imensa, maior do que os dados recentes nos informaram”, conta Luis Baron.

No ano de 2022, após dois anos, a Parada LGBTQIA+ voltou a acontecer presencialmente. No momento de ocupação da principal via de São Paulo, a Avenida Paulista, alguns grupos não se sentem bem representados no desfile.

A população sênior não é lembrada com frequência. O primeiro teste nacional do Censo Demográfico 2022 mostrou números surpreendentes: a população brasileira, que atualmente tem cerca de 216 milhões de cidadãos, é constituída por 16,7% de idosos.

Com isso, mais de 36 milhões de brasileiros são pessoas com mais de 60 anos de idade. Em geral, o tratamento com os mais velhos não é uma pauta frequente para a população, mas o caso se torna pior quando levamos em consideração o grupo de idosos da comunidade LGBTQIA+.

“Essa é uma relação muito ruim. A comunidade, assim como as pessoas, enxerga a velhice de uma forma muito negativa. A nossa cultura vê a velhice como improdutiva. Há uma conexão muito forte com a juventude na nossa comunidade, é uma moeda de troca muito poderosa. A questão estética, a potência

da aparência, a potência do ser jovem. Então, existe uma dificuldade muito grande em olhar para as pessoas velhas e enxergar um espelho ali de que poderia ser você no futuro”, explica Luis.

Repensar as velhices é urgente

De acordo com Baron, os integrantes da comunidade não colocam os envelhecidos como uma questão a ser debatida, pois, muitas vezes, a expectativa de vida não é alta. Por vezes, isso não está ligado apenas ao falecimento: “muitas são mortas efetivamente ou morrem, mas muitas morrem socialmente. Elas perdem a possibilidade de trabalhar, pois algumas trabalham com corpo ou algum tipo de trabalho que precisa da juventude, certa passabilidade para existir. Elas começam a ser invisibilizadas socialmente aos trinta e cinco anos, isso é um fim terrível. É uma morte em vida, você está vivo, mas você não pertence mais a um lugar.”

A discriminação contra grupos de idade recebe o nome de etarismo. Diariamente, diversas micro-agressões contra essa população acontecem. As ações de desrespeito trazem o julgamento quando essas pessoas decidem fazer determinadas atividades.

Na comunidade LGBTQIA+, as situações são semelhantes e a população idosa sofre com essa discriminação embasada pelo preconceito da idade. “Essas pessoas chegam à velhice de uma juventude que talvez tenha sido muito difícil de ser vivida. A população *queer* passa a ser fragilizada, as velhices não são olhadas adequadamente. Trazer alguém mais idoso para esse convívio é reafirmar a dificuldade que elas têm em entender o processo de envelhecimento”, diz Luis Baron.

Para Dora Cudignola, vice-presidente da associação, a falta de uma tradição de gerações mais velhas na população, acarretadas pela grande represália que sempre enfrentaram, faz com que, junto à discriminação, os mais jovens sempre

enxerguem os idosos de forma problemática. “A maioria dos jovens vê os idosos como alguém sem expectativas, sendo isso, muitas vezes, ligado à visão de incapacidade física e doença. Ou seja, idadismo. Sem respeito e com preconceito principalmente aos LGBTQIA+”.

Para os colegas de trabalho Dora e Luis, a falta de visibilidade também está ligada à não representatividade da comunidade envelhecida nas grandes mídias. A vida dessas pessoas precisa de maior reconhecimento para que sejam pensadas melhores formas de assegurar segurança.

Como lembra Baron, essa é uma geração que enfrentou muitas dificuldades em sua idade jovem. “A minha geração de pessoas idosas é completamente diferente do que serão as próximas. Eu venho de uma geração que passou por uma ditadura militar, por uma epidemia de HIV e AIDS, que marcaram profundamente essas pessoas. Elas chegam na velhice de uma juventude caótica, muito difícil de ser vivida, levando em consideração as orientações. Muitos precisaram deixar as suas famílias, seus núcleos de segurança afetivo-emocional e até financeiros para poderem viver suas orientações adequadamente.”

Nascer, viver e morrer sendo LGBTQIA+

Doeu resistir no século passado, dói hoje e, no futuro, infelizmente também será doloroso. No entanto, progressivamente menos. Não se controla a maneira como a sexualidade se manifesta. Nunca será possível que seja manipulada. Desde o nascimento, essa face acompanha todas as fases da vida até seu fim.

O que se inicia tende a terminar em algum momento, viver não é uma exceção. É sobre nascer e se tornar indivíduo, sobre viver ao explorar cada fase da vida e resistir diariamente, é sobre partir e deixar o mundo um lugar melhor para as próximas gerações. Tudo de baixo de uma bandeira que carrega incontáveis sonhos, existências e transformações.



Independência ou morte!

Apesar das dificuldades, autores independentes sobrevivem no mercado editorial

Por Amanda Furniel, Eduardo Machado e Felipe Assis

O crescimento da demanda por livros trouxe à luz um gênero literário que havia sido esquecido nas prateleiras: a literatura nacional independente. Apesar das dificuldades enfrentadas, o setor literário vem ganhando cada vez mais visibilidade, abrindo portas para o surgimento de novos escritores. “Quando eu publiquei o meu primeiro livro, *Lembre-se de mim, Thomas* (2020), eu achei que estava revolucionando, porque não fazia ideia de que existia um mercado de editoração independente.”, diz a escritora Fernanda Freitas sobre sua primeira publicação.



Autora entrevistada, Fernanda Freitas

Os leitores dessas obras, em sua maioria, são o público jovem. Os livros infanto-juvenis, em sua maioria independentes, são uma excelente porta de entrada para que o jovem crie gosto pela letra e acabe, após algum tempo, buscando outros tipos de autores e obras. Diferente da literatura clássica – que muitas vezes afasta esse público do mundo literário por ter uma escrita complexa –, os livros contemporâneos utilizam uma linguagem mais familiar ao leitor.

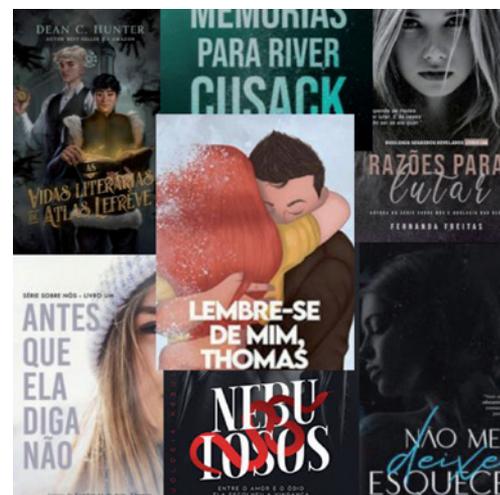
Ao contrário do imaginado, redigir um livro nesse formato é muito mais trabalhoso do que simplesmente sentar e escrever, pois envolve outras áreas além da escrita. Ao contrário dos que possuem contratos

com editoras, os autores independentes são responsáveis não só pela criação da história, mas por todo o processo que envolve a publicação de um livro. Eles escrevem, diagramam, revisam, criam a capa, divulgam etc. Procedimentos que geralmente são responsabilidade da editora ficam em suas mãos.

Quando se torna independente, o escritor precisa desafiar-se diariamente, tendo que se arriscar em áreas que muitas vezes, não são de seu domínio, como o *marketing*, por exemplo. Promover um produto envolve diversos conhecimentos e mecanismos estudados por profissionais de publicidade e propaganda, atividade essa que provavelmente será desafiadora para um escritor sem domínio dessas faculdades. Fernanda Freitas acredita que conviver com essa realidade é extremamente complicado, ainda mais tendo que lidar com os complexos algoritmos das redes sociais. “A divulgação do livro é sempre a parte mais complicada. As redes sociais, nem sempre entregam o conteúdo da forma como esperamos. O engajamento é algo de altos e baixos, o que muitas vezes faz com que o seu alcance não seja o melhor do mundo”, explica a escritora.

Um dos problemas mais difíceis para um escritor, sendo independente ou não, é a questão monetária. Em uma sociedade cercada de consumo e imediatismo, a literatura não gera uma renda fixa suficiente para que se possa viver apenas dela. Logo, para a maioria dos agentes envolvidos nessa área, ter um segundo trabalho se torna essencial para o andamento de suas produções. Com a divisão entre trabalho e paixão, esses autores precisam dedicar o tempo de lazer e outros momentos de folga para continuar suas obras, dificultando ainda mais o processo burocrático e criativo da produção de um livro.

Além dos diversos problemas comentados, como a falta de divulgação, visibilidade e espaço no mercado, esse novo grupo literário enfrenta um importante obstáculo: o local de publicação das obras. Conseguir expor seu exemplar na vitrine de uma livraria, por exemplo, envolve uma série de contratos e permissões, procedimentos dos quais geralmente são resolvidos por editoras. Tendo essa trava em vista, os independentes optam por um caminho alternativo e muito recorrente na atualidade, os *eBooks*, modalidade essa que reduz os custos de um lançamento tradicional.



Colagem feita com livros de autores nacionais independentes, disponíveis no Kindle Unlimited

“Antes de publicar o meu primeiro livro, tentei mandar o manuscrito para uma editora, mas a competição é absurda e dificilmente te dão um retorno. Então, uma amiga minha disse que a Amazon tinha uma ferramenta que podia publicar um *eBook* sem precisar de editora e sem pagar nada: o *Kindle*”.

O *Kindle Unlimited* é uma plataforma digital com teor literário, como uma “*Netflix* de livros”, ferramenta que muitos autores independentes publicam suas obras. Esse recurso é um grande aliado desses escritores, proporcionando uma melhor visibilidade para suas produções, dando a oportunidade de apresentar ao mundo um pouco da literatura nacional independente.

Para subir um livro no *Kindle Unlimited*, o autor já deve ter seu manuscrito formatado, diagramado e revisado – todo esse processo é feito pelo próprio escritor. Em contraponto, surpreendendo a muitos, as gráficas são uma luz no fim do túnel para esses profissionais que vivem na eterna lanterna dos afogados. “Hoje em dia, muitas gráficas prestam serviço para autores independentes, o que possibilita que nós tenhamos nossos livros publicados fisicamente. É um mercado que tende a crescer e nos ajuda bastante”, diz Fernanda.

Ser autor independente é desgastante, há muito trabalho para ser feito, mas é esse trabalho que nos dá esperança de um futuro mais plural, no qual pessoas possam enxergar que qualquer um com esforço e disposição pode ser um escritor; podendo fazer parte da história do mundo.

Cantar pela Liberdade

Por Victoria Nogueira

OS MANIFESTANTES GRITAVAM POR DEMOCRACIA em frente à Universidade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo de São Francisco, centro da capital paulista. Era agosto de 2022. Jovens, estudantes ou não, dividiam o espaço com trabalhadores e idosos que, imersos em seus círculos de amizade, retomavam memórias da juventude – muitas ligadas ao período da ditadura militar. No local, em 1977, brasileiros foram convocados para a leitura da Carta pela Democracia, conduzida pelo professor Goffredo Telles Júnior.

Desta vez, eu também estava lá, dispersa na multidão. A chuva tomou conta daquela manhã de quinta-feira, mas não o suficiente para roubar dos indignados o desejo incesante por mudança. Ao contrário, minutos antes do início da leitura do documento, o Sol despontou sobre a torre dos prédios e, ali mesmo no aglomerado de gente, ouvi um rapaz dizer em alto e bom som: “Olha só como Deus é maravilhoso!”

Na sacada da faculdade centenária, representantes ligados aos movimentos de luta discursavam um por um, pedindo respeito às urnas eletrônicas. Era um momento que, a exemplo do passado obscuro, adotava narrativas autoritárias e antidemocráticas. Uma das lideranças que engatou um dos discursos também lembrou da importância da cultura brasileira, alvo de desmontes governamentais. Cultura esta que, há exatos 55 anos, abriu as cortinas do palco para o jovem Caetano Veloso no Festival de Música Popular, realizado em 1967.

Natural de Santo Amaro, na Bahia, o filho da Dona Canô e do Seu José Teles Veloso fez, em 1967, o Teatro Record cantarolar com euforia, e em pleno regime de opressão, a canção “Alegria, Alegria”. Aos 25 anos, ele já esboçava o sorriso farto, até então acompanhado dos cabelos longos, castanhos escuros e encaracolados.

Em 2022, muitos dos jovens presentes no Largo de São Francisco deviam ter a mesma idade de Caetano no ano do festival. De fato, pode ser que uma parcela dos novos brasileiros não esteja sintonizada em totalidade à obra do baiano. Ainda assim, um desejo em comum é capaz de unir ambas as gerações, seja do presente ou do passado: liberdade.

Na comemoração do aniversário de seus 80 anos, as redes sociais foram bombardeadas por cumprimentos e exaltações ao artista. Na imprensa, um caderno de cultura ligado a um jornal de grande circulação aproveitou o momento para publicar uma reportagem especial – que ganhou a capa do periódico paulistano. O artigo destacava que Veloso estava “mais à esquerda como nunca”. Mas, afinal, como não estar diante desta situação? Não, senhor presidente, precisamos investir em bibliotecas e não em clubes de tiros. Queremos carne no prato e não ossos retirados do lixo. Somos uma sociedade laica e, sobretudo, um Estado Democrático de Direito. E a cultura é sim, fundamental.

Caetano, assim como Chico Buarque e Gilberto Gil, talvez tenha traduzido em melodias harmônicas o “Brasil Brasileiro”. De “Sampa” a “São João, Xangô Menino”. De “Lua de São Jorge” a “Milagre do Povo”. O “Caê”, como foi apelidado pela irmã Maria Bethânia em “Mano Caetano”, encarou o Brasil como um objeto de inspiração em períodos de apreensão e esperança. O país é, no fim das contas, o verdadeiro protagonista de sua prosa e, ousado dizer, poesia.



© Reprodução: TV Record

Caetano Veloso se tornou símbolo de resistência durante a ditadura militar

Agora, a figura de Caetano se torna ainda mais necessária. A arte é um instrumento de revolução e questionamento e, mesmo que certos homens tentem desmontá-la e destruí-la a qualquer custo, ela não cede, mas sim, renasce em novas formas de expressão. Vale mencionar que governos não são para sempre, porém ainda lembramos com carinho de Elis Regina, Tom Jobim, Caetano e Marília Mendonça. E, por que não Paulo Gustavo, cuja alegria foi vencida pela negligência, frases e atitudes desprovidas de humanidade?

Volto à memória do Largo de São Francisco, onde gerações separadas por décadas de vida se encontravam aos pés do edifício histórico. Juntos, fechamos as ruas e gritamos palavras de ordem. Distribuímos e recebemos adesivos com substantivos de protesto. Posamos para fotos com o intuito de registrar que estávamos presentes. “Presente”, aliás, também se transformaria em verbo para lembrar Dom, Bruno e Marielle, vítimas do caos estimulado pelo Estado.

Após a leitura da carta, mas antes do encerramento oficial do ato, artistas ganharam um telão num vídeo em que reiteravam o texto e o compromisso na defesa da democracia. Salve Fernanda Montenegro, Djavan, Milton Nascimento, Lázaro Ramos! Caetano, que foi punido no passado com as penas do exílio, estava lá. E foi aplaudido por um grupo de pessoas que acompanhavam atentamente cada trecho lido.

Celebrar Caetano é celebrar a cultura brasileira e, igualmente, o Brasil em sua complexidade de povos, costumes e crenças. Governos podem estar fadados a entrar para história por suas atuações notórias ou vergonhosas. E os que tiram da cultura, da saúde, da ciência e educação só podem ser classificados com a segunda opção. Estamos de olho, Brasília!

Viva Caetano Veloso e todas as formas de arte construídas de Sul ao Norte deste país que, iludido com uma promessa de futuro, se tornou uma nação maltratada. Vai melhorar. Enquanto não, lutamos, gritamos, cantamos pelas ruas e avenidas. Não vão nos calar – sempre haverá outro dia. O nosso, sabemos, será em outubro. Até lá, Brasil!



© Victoria Nogueira

Faculdade de Direito da USP – leitura da Carta pela Democracia

Do barroco aos lírios: a potencialidade de ser Tunga

Artista denso e misterioso, que alcançou o reconhecimento internacional, explorou os diversos campos da arte em seus trabalhos

Carlos Gonçalves

Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, conhecido popularmente como Tunga, foi um artista performático que utilizou a escrita, a escultura e a performance como meio para expressar o que lhe incomodava. Sedento pela descoberta, foi um estudioso assíduo da filosofia, biologia, psicanálise e teatro. O seu trabalho é formado com a elaboração de materiais em escalas industriais e com densidade; podendo também orbitar pela a escala oposta; da leveza e delicadeza.

Quem entrasse em seu ateliê, encontraria um galpão aberto que se asseme-

lhava a um ambiente fabril; era fácil se perder nas diversas peças em formação. Havia materiais espalhados nas prateleiras e pelos cantos, como ímãs, cerâmicas, pedras, troncos e metais enferrujados. Por mais que possa parecer, Tunga não precisava de uma grande infraestrutura para impulsionar as suas ideias, para ele não existia a necessidade de um endereço físico carregado de estímulos para que surgisse alguma inspiração (*studiolo*). O seu ateliê poderia ser em qualquer lugar, já que para o artista, ele habitava dentro da sua consciência; estando na multidão ou na solidão.

O barroco contemporâneo

Reflexões existenciais acompanharam o artista como base para a sua pesquisa sobre o corpo e o desejo, sendo representado em diversos trabalhos analogias que ligam as problemáticas e as fragilidades do corpo. O vermelho da sopa de beterraba, a urina, a gelatina, o cabelo, o dente e os ossos são algumas formas de retratar o indivíduo dissolvido dentro das suas obras, podendo ser entrosado com materiais energéticos ou densos, como fios de cobre, ímãs e correntes.

Graças ao seu método de criação comovente e expressivo, Tunga foi definido entre os críticos como um dos precursores do barroco contemporâneo. O professor no curso de Jornalismo e diretor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – FAFICLA, Fabio Cypriano, analisa esse conceito herdado pelo artista: “Vamos lembrar que o barroco sempre foi a ideia da encenação, da emoção, ele ia contra o racionalismo do renascimento da arte ser algo frio. Portanto, o barroco é algo quente, algo envolvente; e o trabalho do Tunga é definido como o barroco

contemporâneo nesse sentido de ser uma obra muito dramática, emocional e baseada em teatralização.”

A construção teatral atrelada a elaboração de mitos foi um dos pilares do artista, criando diversas performances em pequena e grande escala. “Se observamos as gêmeas xifópagas (Obra: Xifópagas Capilares Entre Nós, de 1985), um dos trabalhos mais conhecidos do Tunga, é uma obra absolutamente teatral”, completa o Professor.

Ver uma obra de Tunga é como estar em um sonho surrealista, onde não há regras ou limites, tudo é permitido. E deve ser permitido. Na obra “Encarnações Mímicas”, de 2003, observamos a relação entre a performance, a construção de narrativa e o seu universo imaginativo. O enredo sugere uma cena da mitologia grega, onde ninfas sentadas entram em contato com objetos amorfos, garrafas e cálices. Esta ação passa por uma metáfora que constrói o ciclo de vida e morte, que se origina e acaba; devolvendo a própria carne à terra quando se chega ao fim da vida, e encarnando novamente.



© tungaoficial.com.br



© tungaoficial.com.br

Xifópagas Capilares Entre Nós



© tungaoficial.com.br

Encarnações Mímicas

Nas instalações, Tunga também fez o cruzamento entre o orgânico e o inorgânico. Tendo a intenção de a obra envolver o corpo e a mente do espectador; tanto pela sua dimensionalidade, como pelos símbolos que ela acarreta. Nas obras a seguir, vemos um emaranhado de redes içadas, torcidas e aglutinadas que sustentam frascos preenchidos com esponjas, absorvendo um líquido vermelho viscoso que goteja no chão da exposição. O vermelho pulsante em totalidade, ou a estrutura preta em contraste com âmbar da urina enfrascada pulsam como um corpo do avesso: seja pela similaridade que há com o sistema circulatório que sangra (Obra: *"True Rouge"* – 1977) ou pela fragilidade do sistema excretor (Obra: *"Cooking Expanded"* – 2008). "Com o conceito de instauração que ele criou, Tunga fez performances que transformavam o ambiente, criando situações que fazem o espectador pensar de uma maneira que não é tão passiva em relação ao trabalho artístico. Penso que essa maneira envolvente do Tunga ter pensando a arte é essencial quando observamos o legado que ele nos deixou", observa.

O reconhecimento internacional

Já na obra a seguir, *"A Luz de Dois Mundos"*, de 2005, Tunga alcançou o reconhecimento internacional, conquistando o título de ser o primeiro artista contemporâneo brasileiro a ter sua obra exposta no museu do Louvre, em Paris. Com uma estrutura que se auto sustenta em forma de contrapeso, a obra se equilibra por um sistema semelhante ao de uma cruzeta, fios se entrelaçam formando uma rede de balanço, onde jaz o esqueleto símbolo da violência histórica. Em suas ancoragens, sustentam-se cabeças decapitadas que simbolizam os espólios culturais destruídos nas guerras; servindo também como contrapeso para manter o equilíbrio da obra.

Tunga foi labiríntico em essência, em suas obras expôs questões epifânicas que o rodeavam. Em um primeiro olhar sobre os seus trabalhos, podemos concluir de forma desatenta como algo solto, sem sentido, aparentando ser uma escultura que começa e acaba em si. Mas a sua natureza vai além, o significado das suas obras expande-se em diversas direções; onde cada material utilizado e cada forma criada tem um motivo psicológico ou poético de intensa sofisticação. Ao expandir a sua visão sobre a construção "psico-escultural", conseguiu no decorrer das décadas unir diversas obras em conjuntos,



True Rouge



Cooking Expanded

onde antes eram questionamentos soltos, fundiu-as em totalidade, materializando como uma parte da narrativa do seu inconsciente. "O que o Tunga fez foi potencializar ao máximo essa situação, porque ele se coloca dentro dos trabalhos, pensando eroticamente e biograficamente a sua obra. Portanto, é constituinte da obra de todo artista pensar o seu Eu, mas no trabalho do Tunga isso é potencializado ao máximo", conclui Cypriano.



A luz de Dois Mundos

Os desafios na formação acadêmica de atletas no Brasil

Os desportistas costumam se destacar fazendo uso do corpo, dos atributos físicos e técnicos. Mas e a cabeça?

Por Davi Garcia, Felipe de Oliveira, Felipe Pjevac, Helena Cardoso e Pedro Lima

A relação entre o esporte e o ensino no Brasil sempre aconteceu de maneira conturbada. A grande maioria dos atletas brasileiros não recebe o ensino que deveria por direito constitucional. Quando jovens, alguns fatores como dificuldades financeiras, familiares ou até mesmo geográficas motivam esses profissionais a largar os estudos para apostar as suas vidas nos campos esportivos.

De acordo com pesquisas de 2019 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), apenas 20% da população brasileira entre 25 e 34 anos possui diploma de ensino superior e somente 48% completou o ensino básico, acarretando em um grave problema educacional que afeta de maneira direta os esportistas. Em busca da realização do sonho de infância de milhões de brasileiros, adolescentes abrem mão do convívio com a família, da rotina e, em muitos casos, da oportunidade de estudar e conquistar um diploma.



© Revista Veja e Globo Esporte

O ex-jogador Sócrates, destaque da Democracia Corinthiana no início da década de 1980, era formado em medicina pela Universidade de São Paulo

A ideia de “vida ganha” no esporte, explicitada pelos salários astronômicos ganhos pelas estrelas desse ramo ao redor do planeta, seduz jovens que, até mesmo devido a injustiças sociais presentes na sociedade, não enxergam na graduação chances de sucesso na vida.

A logística e deslocamento também é um empecilho na tentativa de levar essas duas vidas; Beatriz Fernandes (18), em entrevista ao **Contraponto**, jogadora de vôlei do Barueri Clube e da universidade Mackenzie, enfatiza sobre essa questão: “Creio que meu maior desafio nessa área de conciliação foi quando ingressei na faculdade, pela distância dos lugares em que faço cada coisa e pela dificuldade de

encaixar as duas rotinas. Já a faculdade é um pouco mais complicada, muita burocracia para tudo, até tem uma área de atleta/aluno para entrarmos em contato caso tenha que faltar e tudo mais, mas é perceptível que falta uma compreensão e um apoio maior a nossas demandas”.

Gabriel Augusto (21) é jogador profissional de futebol, atualmente no Manthiqueira e, ao **Contraponto**, contou como foi a relação entre futebol e estudos. “No Ensino Fundamental era uma coisa mais tranquila, faltava umas aulas, mas sempre consegui conciliar. Já no Ensino Médio faltei muitas, tive que mudar de escola, porém nunca deixei de lado e sempre conseguia correr atrás da matéria; apesar do esforço, a perda de aula sempre foi presente. Existe uma parcela que consegue conciliar os dois, mas é de uma minoria, até porque a mudança constante de lugar e ambiente atrapalha nessa questão; e tem o fato de nem todos terem uma cobrança familiar tão grande em relação aos estudos. Para muitos pais o foco é o esporte mesmo”.

Os problemas gerados por essa relação turbulenta entre o desporto e o ensino ficam ainda mais claros ao comparar o Brasil com países onde a cultura de valorização da formação acadêmica dos atletas é relevante. Um exemplo é o dos Estados Unidos: em 1905, o então presidente Theodore Roosevelt convidou membros da alta cúpula de seu governo para discutir a criação de um órgão responsável pela organização relacionada a torneios esportivos para atletas cursando ensino superior.

Nessa reunião, surgiu a *National Collegiate Athletic Association* (NCAA), instituição responsável até hoje pelo êxito – tanto para os integrantes quanto para a população – dos esportes de faculdade no país. Em contraste com a baixa popularidade e a informalidade desse tipo de evento no Brasil, a NCAA é encarregada de controlar quaisquer tipos de campeonatos universitários em território estadunidense, criando regras e representando seus atletas.

O futebol americano e o basquete são casos de extremo sucesso da entidade, atingindo índices de popularidade até semelhantes às ligas profissionais como a *National Football League* (NFL) e a *National*

Basketball Association (NBA). A partida entre os times de futebol americano das universidades de *Tennessee* e *Virginia Tech*, em 2016, recebeu um público total de 156.990 espectadores no estádio; mesmo com o preço dos ingressos girando em torno dos 30 dólares.

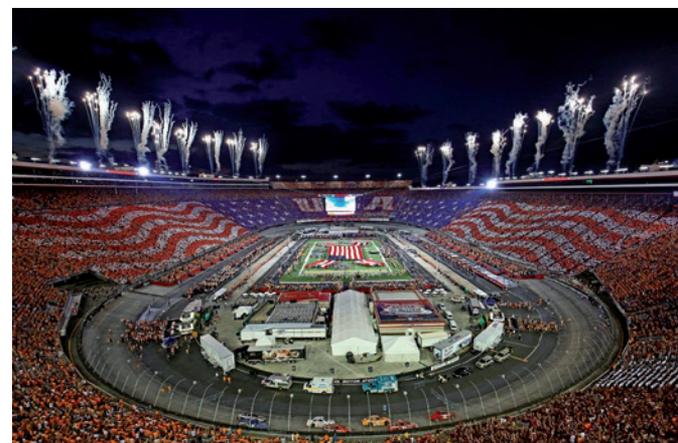
Há diversos motivos a serem citados para explicar esses números inflados, mas os principais são o apego dos cidadãos estadunidenses à sua universidade formadora e a espetacularização dos jogos, que contam com atrações musicais; além das *cheerleaders* e uma variedade de comidas.

Já no Brasil, essa atração de ex-alunos e fãs a essas partidas não acontece, com muitas disputas sendo realizadas em locais pequenos, afastados do *campus* e com pouco destaque e visibilidade. Beatriz reclama sobre essa situação: “É muito diferente, querendo ou não o nível cai bastante até porque fica inviável você ter uma rotina de treino e jogos como é na federação, então a maioria que joga universitário não está na mesma ‘pegada’ de pessoas que treinam e tem uma exigência diariamente. O esporte universitário no país ainda não tem um grande apoio, e isso afeta as competições como um todo”.

João Lucas Villa Belmudes (21) é um atleta brasileiro com passagens por clubes brasileiros como Portuguesa, Juventus, Tubarão-SC e São Caetano, sendo recentemente recrutado para atuar pela *University of Charleston*, no estado da Carolina do Sul, nos EUA. “Aqui consigo praticar o esporte e carregar os estudos no mais alto nível possível pois a própria universidade oferece a estrutura necessária para isso; as equipes universitárias são tratadas como os times profissionais são no Brasil, com torcidas organizadas e a paixão do fã mesmo”.

Tratando-se sobre a conciliação entre as duas esferas, Belmudes completa: “Quando um jovem chega aos 16 anos, os treinos começam a ficar realmente

Partida de futebol americano universitário entre Virginia Tech e Tennessee em 2016, com mais de 150 mil torcedores presentes



© Alabama Magazine

pesados e exigir período integral, o que prejudica os dois anos de estudos pré-vestibular nas escolas brasileiras. Aqui, esse acompanhamento é feito desde cedo pelas instituições de ensino, que conseguem com sucesso compensar as perdas geradas pelo meu futebol no meu estudo”.

Também é importante na instrução intelectual desses universitários as ofertas de bolsas de estudos. Pelo fato de os EUA não contarem com universidades públicas de qualidade, as faculdades mais reconhecidas no esporte oferecem descontos que em muitos casos chegam à gratuidade para os alunos aprovados nas equipes desportivas.

Apesar disso, o estudante na maioria das oportunidades, deve manter um bom rendimento escolar para poder atuar nos gramados e nas quadras, fator que garante outras opções de carreira para o caso de frustração no esporte. “Nós temos um conceito que é chamado de elegibilidade, que é o ato de estar apto a praticar o esporte pela faculdade, e isso depende tanto das notas quanto do empenho atribuído aos estudos. Se houvesse um maior incentivo tanto aos esportes universitários quanto a recursos destinados para facilitar essa prática, meu caminho no futebol poderia ter sido bem diferente”, adiciona Belmudes.

Essa diferença de acesso à educação acaba refletindo em questões externas ao esporte. É notória no Brasil a baixa participação política de esportistas brasileiros. Em casos como ausência de segurança aos jogadores em invasões de campo, apedrejamento a ônibus de delegações, ataques nas redes sociais, pouco é feito ou manifestado pelos astros. A falta de debates e participações sociais atreladas aos clubes e às escolas têm grande impacto nisso, além da falta de infraestrutura e da necessidade de escolhas dos jogadores na infância e adolescência entre ir ou não para treinos e jogos que envolvem viagens exaustivas.

É possível observar, em países mais desenvolvidos, como há mais demonstrações de envolvimento com problemas sociais. Um exemplo é o de Paul Pogba, jogador de futebol francês, que após uma partida do campeonato inglês, junto de Amad Diallo, companheiro marfinense do clube, estendeu a bandeira da Palestina contra a violência na região.

Em 2020, o meia Mesut Özil exigiu os seus direitos e fez denúncias ao tratamento da China em relação a populações muçulmanas, além de cobrar nações como a Turquia para entrar de cabeça na situação. No entanto, parceiros chineses da Liga Inglesa proibiram a transmissão de jogos do Arsenal, clube em que o alemão jogava na época, acarretando em um declínio em sua carreira que culminou com o esquecimento no futebol turco.

Além disso, na NBA e NFL é enraizada a participação política dos jogadores em diversos temas, principalmente o



© Kevin C. Koz/AP e Manchester Evening News

À esquerda, jogadores da NBA protestam contra o racismo nos EUA após o assassinato de George Floyd. À direita, jogadores do Manchester United exibem bandeira da Palestina a favor da paz no Oriente Médio

racismo, como o caso de Colin Kaepernick, jogador de futebol americano que, durante o hino estadunidense, ajoelhava ou ficava sentado em protesto aos casos recorrentes no país.

Após as ações, Kaepernick não encontrou um time, e desde então se encontra sem contrato. No entanto, ainda é um ativista social e fundador da fundação *Know Your Rights*, que luta pelo empoderamento social dos jovens negros no país.

Ocorreu repercussão também no caso do assassinato de George Floyd, no qual houve uma mobilização geral nas ligas americanas por parte de estrelas, que chegaram até a interromper as atividades esportivas por alguns dias.

Neste ano de 2022, o convidado do “Futebol sem Fronteiras”, Walter Casagrande, criticou a Seleção Brasileira pela falta de posicionamento dos seus jogadores: “Cobro muito o posicionamento do jogador de futebol. Como vim da Democracia Corintiana, não entendo como nenhum [jogador] fala alguma coisa que interesse para a sociedade brasileira”, comenta o ex-jogador, que na década de 80 foi um dos fortes nomes entre atletas que se posicionavam nas questões políticas e sociais.

Um outro aspecto que afasta os esportistas da sociopolítica do país é a saída precoce para o exterior. O sonho de jogar nas principais ligas esportivas desperta o interesse em muitos atletas brasileiros. Além do alto nível de competitividade apresentado nos campeonatos afora, viver em um país desenvolvido é uma vontade de muitos, já que a qualidade de vida supera em muitos aspectos o Brasil em quesitos econômicos, sociais e políticos.

Essa vontade de jogar em países que oferecem uma melhor comodidade é ainda mais pretendida pelos jovens atletas, que buscam melhorias na carreira e uma vida mais estável tanto para o esportista, quanto para sua família. Porém, uma consequência dessas decisões é o afastamento entre o atleta e as questões sociopolíticas do seu país de origem.

Jogadores da seleção brasileira servem como um incentivo aos jovens em ascensão, que se espelham nas carreiras dos astros, muitas vezes construídas no futebol europeu. Isso cria um “ciclo vicioso”

que combina sonhos profissionais e desinteresse nas questões sociais.

Ademais, o fato dos clubes europeus se interessarem de forma consistente pelas joias brasileiras, oferecendo um plano de carreira promissor e de alto investimento, mesmo com a maioria dos jogadores sofrendo dificuldades de adaptação por chegarem cedo demais, também influencia na migração destes. “Muitas das vezes um time de uma divisão menor lá fora tem um planejamento melhor do que times daqui. Além disso, o esporte aqui no Brasil geralmente é visto como um passatempo e não um trabalho”, afirma o jogador, Gabriel Augusto.

É fundamental que as instituições de ensino trabalhem em conjunto com os clubes com os quais estes esportistas estão envolvidos, a fim de procurar a melhor solução para que a formação intelectual aconteça em conjunto com a prática esportiva. “Uma melhor combinação entre a temporada de jogos e de estudos e uma melhor organização e entendimento de ambas as partes seria um ótimo caminho”, Beatriz acrescenta.

O trabalho de apoio, organização e aconselhamento, feito também com as famílias desses atletas, pode tornar possível que as duas atividades aconteçam de forma complementar, não atrapalhando o desempenho escolar e desportivo.

A questão muda um pouco no caso do ensino superior, já que algumas universidades brasileiras oferecem bolsas de estudos para atletas, mas a quantidade e o apelo ainda são bem menores quando comparados a países como os EUA.

Esse auxílio pode ser um estimulador para jovens ingressarem em cursos de graduação, complementando sua formação acadêmica. “A bolsa de estudos faz com que o atleta tenha a possibilidade de ‘vender’ seu maior talento, o esportivo. Muitos daqueles que não teriam condições financeiras ou intelectuais de prestar o vestibular e cursar a faculdade seriam beneficiados com o maior investimento nesse programa. Isso acaba sendo bom para a universidade também, que lucra com o desempenho dos atletas bolsistas e consegue manter o prestígio da equipe, conseguindo assim recrutar mais prospectos de elite”, conclui João Lucas.

A difusão e as verdades do mercado de apostas esportistas no Brasil

Como o ramo se popularizou e pode estar manipulando resultado de partidas

Por Marcelo Ferreira Victorio, Gustavo Romero e Pedro Paes

As apostas esportivas, principalmente no futebol, são uma forma de entretenimento que envolve uma pessoa apostar seu dinheiro em um determinado clube e ter a possibilidade de ver seu patrimônio multiplicar em caso de acerto. Apesar de existir desde o início do século 20 em países europeus como, por exemplo, na Inglaterra, somente há alguns anos veio a ser difundido em território brasileiro.

“A popularização só chegou agora, mas eu conheço as apostas acho que há mais de dez anos, porque antes a *Sporting-Bet* – conhecida casa de apostas – não estava no Brasil, então você conseguia jogar nela sem ser oficializada no país. Então já conheço há bastante tempo, de oito a dez anos”, conta a apostadora Denise (nome fictício).

Neste ano, as casas de apostas estão patrocinando 53 dos 60 times das três primeiras divisões nacionais, além de emisoras de televisão, placas de publicidade, os próprios campeonatos, ex e atuais jogadores consagrados no futebol nacional como Rivaldo, Marcelo, Ronaldinho Gaúcho, Vinícius Júnior e Adriano Imperador.

A *Sportradar*, empresa suíça especializada na integridade competitiva e monitoramento de apostas, fez um levantamento e descobriu que houve 903 jogos suspeitos de manipulação no ano de 2031, em dez esportes diferentes e 76 países distintos. Esse dado é um recorde nos 17 anos que a empresa faz esse acompanhamento na área. Esse número ainda deverá ser superado até o fim deste ano, porque nos primeiros oito meses de 2022 foram identificadas pela empresa manipulações de resultado em 670 partidas, das quais 400 foram apenas no futebol.

O maior escândalo que já houve em território nacional ocorreu em 2005, quando árbitros e apostadores colaboravam entre si para manipularem os jogos. Entre eles o ex-árbitro, Edílson Pereira de Carvalho, que carregava em seu uniforme o escudo da FIFA.

“É comum a gente notar isso em campeonatos menores, como na segunda divisão, estaduais de terceira divisão, divisão de base e feminino. Estou sempre dentro do estádio vendo os jogos de várias equipes, percebo quando o comportamento dos jogadores está diferente, principalmente zagueiros e goleiros: quando a bola está na linha de fundo eles forçam muito o escanteio; goleiros que deixam a bola passar. Noto os comportamentos da comissão técnica (...), principalmente nos campeonatos que não têm transmissão”, revela o *scouter* Dante (nome fictício). Ainda afirma que os próprios jogadores e diretorias apostam nos jogos e também manipulam, que é algo normalizado.

“Meu trabalho é relatar tudo o que acontece no jogo: gols, escanteios, cartões, laterais, impedimentos, faltas, substituições, tudo isso a gente reporta. Tem pessoas que perguntam o que eu faço no estádio e eu falo que trabalho com estatísticas. Nunca tive o azar de encontrar com algum louco, mas tenho alguns colegas que já passaram por isso e sofreram ameaças”, completa Dante.

O mercado de apostas esportivas tem crescido de maneira incisiva no Brasil. Esse aumento está diretamente ligado ao processo de regulamentação dessa atividade no nosso país. Atualmente, há cerca de 450 sites ativos que geram 12 bilhões de reais por ano. Como não há impeditivos, restrições e controles para esse mercado, as casas de apostas, as quais são sediadas em paraísos fiscais, vêm o Brasil com bons olhos por não pagarem impostos.

Esses números deixam claro que esse mercado está em uma curva de crescimento. O público, da mesma maneira, é atraído para apostar em jogos de futebol por conta dessas cifras que prometem lucro sem nenhum tipo de esforço. “A possibilidade de ganho imediato ilude qualquer um e todos entram. Propaganda com astros do futebol e pessoas conhecidas e idôneas, com frases como ‘*deu green*’, facilita muita gente a perder dinheiro”, relata a apostadora Denise.

Nas redes sociais, muitos perfis começaram a ser criados com o objetivo de analisar os mercados, dando dicas de onde e como as pessoas devem apostar.



© Montagem: Marcelo Ferreira Victorio

Geralmente é cobrado à parte dos apostadores uma quantia fixa para terem acesso a todas as análises. “Acho que pode ter envolvimento das casas de apostas influenciando *tipsters* – indivíduos que dão dicas de apostas. É muito fácil convidar pessoas para poder divulgar casas de apostas e mais pessoas jogarem. Quanto mais jogarem, melhor, mesmo que alguém ganhe hoje, amanhã ela vai perder. A maioria ganha no começo e perde no final”, opina Denise.

“As pessoas que vivem disso estudam os jogos, então eles conseguem ganhar dinheiro com isso. Se a pessoa tiver dinheiro para gastar e puder gastar dinheiro que sobra, pode fazer isso, até porque é uma forma de se entreter”, diz Dante.

Apesar de haver avisos sobre entretenimento consciente, as casas de apostas não têm políticas rígidas para as pessoas que começam a perder dinheiro, como aponta Denise: “Quando eu perco dinheiro, eu não sou viciada e posso continuar apostando. Quando eu ganho dinheiro, eles não deixam apostar mais. Desse jeito, a casa sempre vai ganhar.” Dante concorda com a opinião de Denise, afirmando que as casas de apostas não se importam se a pessoa é viciada ou não, elas querem que o indivíduo perca para ganharem dinheiro. “Acredito que nenhuma casa de aposta tenha um sistema para avisar que o apostador está mais perdendo dinheiro do que ganhando.”

Denise, apesar de durante esses dez anos ter mais ganho do que perdido, não recomenda ninguém a entrar no mundo das apostas. “Prefiro não recomendar ninguém a apostar. Quando você vê que tem muita gente que perde dinheiro, eu acho que não é legal. Vejo muitas pessoas na internet fazendo apostas absurdas, fazendo empréstimos e no final acabam perdendo e isso não vale à pena.”



© Montagem: Marcelo Ferreira Victorio

Homem aposta enquanto assiste a um jogo de futebol

Breakdance nas Olimpíadas: Símbolo de Resistência Negra e Periférica

A história da modalidade de dança que estará presente nos Jogos Olímpicos de 2024



© Julia Takahashi

Competição de
Breakdance
Julho de 2022,
em São Paulo

Por Dayres Pereira, Gabriela S. Thier e Júlia Takahashi

Em 2019, o Comitê Olímpico Internacional (COI) incluiu quatro novas modalidades para o programa dos Jogos Olímpicos de Paris, de 2024. Entre elas, estará presente a primeira categoria de dança esportiva, o *Breakdance*, do qual teve uma primeira aparição nos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018, em Buenos Aires, na Argentina. Essa inserção dos novos esportes é uma tentativa de trazer maior diversidade aos jogos, como comenta Tony Estanguet, presidente do Comitê Organizador dos Jogos de 2024.

“Nosso objetivo, desde o início, foi destacar o que foi a força dos Jogos durante 32 edições, a diversidade dos esportes e a emoção que resulta no rendimento, ao mesmo tempo em que aproveitamos a oportunidade que nos oferece o COI, para melhorar o programa e oferecer uma nova dimensão”. Contudo, a visibilidade que o *Break* conquistou até chegar aos Jogos Olímpicos traz uma história de grande resistência, desde o século XX.

Tendo a crise de 1929 como marco inicial para o aumento da violência e da pobreza nos Estados Unidos, a população dos bairros do Bronx e do Brooklyn, em Nova York, na década de 50, começa a procurar novas formas de manifestação para reafirmarem suas existências na sociedade norte-americana. Assim, os DJs Afrika Bambaataa e Kool Herc foram os artistas que incentivaram os jovens de comunidades a resolverem suas discussões e diferenças por meio da dança, nas batalhas que aconteciam nos quarteirões dos bairros nova-iorquinos, chamadas de *Block Partys*, com a batida da música de RAP e Hip-Hop. O objetivo era fazer movimentos físicos com certo grau de dificuldade a ponto de seu adversário não conseguir fazer o próximo.

Dessa forma, os jovens das periferias denunciavam a dura realidade da segregação racial dos guetos nova-iorquinos e as condições sociais em que viviam. As performances serviam para manifestar a revolta que sentiam por imensa desigualdade, buscando apontar a exclusão social e ao mesmo tempo fugir de padrões já estabelecidos pela cultura vigente, que refletiam acomodações e continuidades.

O *break*, no entanto, não se limitou apenas ao debate da resistência. Além de aludir às formas de posicionamentos, o estilo revelava uma valorização de suas identidades, dos lugares de onde são e vieram, da ancestralidade de suas culturas, uma maneira de as carregarem para além dos subúrbios --- para a cidade e o mundo.

Além disso, a escolha da prática, principalmente nas ruas, era um jeito simbólico de ocupá-las, referindo-se à questão do lugar social, de marcarem presença em seus ambientes comuns de convivência. Também era um modo de pacificar disputas territoriais nas regiões. Assim, o Hip-Hop e o *Break* se espalharam pelo país e pelo mundo rapidamente, criando novos movimentos e modalidades. Mesmo com suas raízes consolidadas em Nova York, é inegável a existência de conexões e semelhanças na cultura de comunidades negras, que já existiam ao redor do mundo bem antes do *break*.

Um fato que confirma isso são as similaridades que alguns dos movimentos da capoeira, esporte de origem afro-brasileira, tem com o *breakdance*, como, por exemplo, o “pião de cabeça”, que é muito parecido com o “*head spin*”. Ambos os movimentos se baseiam em girar o corpo com as pernas para o alto se apoiando com a cabeça no chão.

Tempos depois da cultura hip-hop se popularizar entre os norte-americanos, o estilo chega ao Brasil por meio de grupos como o *Public Enemy* – que fizeram seu primeiro show na cidade de São Paulo em 1984 – e também da televisão, que ajudou a globalizar o *breaking*. Thaíde, um dos fundadores do *Back Spin* (1985), o mais antigo grupo ainda ativo no país, e Nelson Triunfo, pernambucano conhecido como o pai do hip-hop brasileiro, são alguns dos pioneiros que se identificaram com o movimento. Juntos, os dois incentivavam os jovens a adentrarem ao novo estilo, ajudando-os a deixarem de lado a violência fortemente presente em bairros periféricos naquela época.

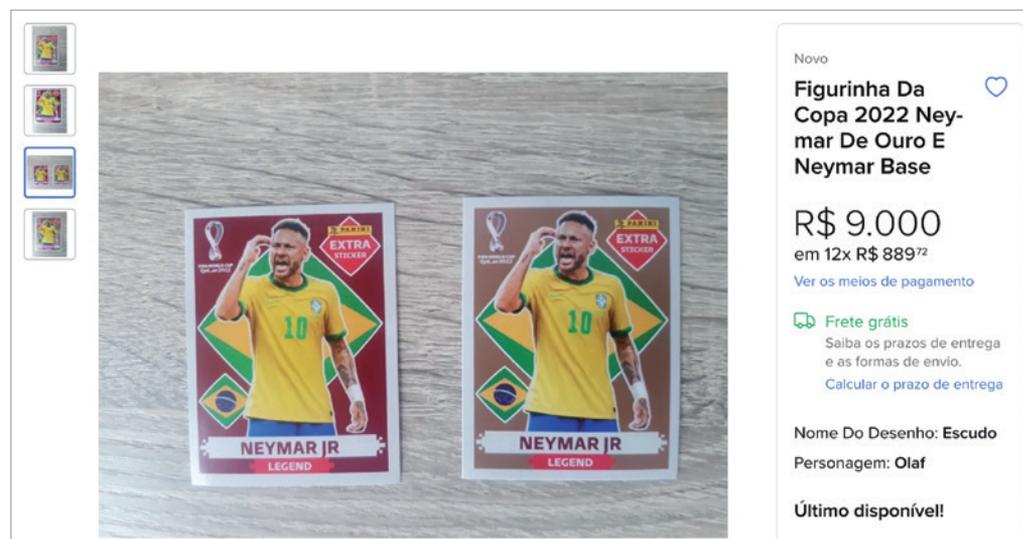
Foi com esse propósito que o *Break* foi inserido nas Olimpíadas. O presidente do COI, Thomas Bach, comentou à ESPN sobre o ingresso das quatro modalidades. “Os quatro esportes propostos estarão totalmente em linha com a Agência 2020, porque contribuem para que o programa seja mais equilibrado, quanto a gênero e mais urbano, e oferecem uma oportunidade de se conectar com uma geração mais jovem”. Além disso, Estanguet acrescenta: “Trata-se de uma disciplina espetacular e muito diferente de tudo já visto até agora em uma Olimpíada que, além disso, exige uma disciplina e um rigor fora do comum”.

Sendo essas semelhanças culturais e a marginalização de comunidades negras algo global, não é impensável que o uso da dança e do esporte para superar essa realidade também seja global. O *breakdance* representa um estilo de vida por meio de uma forma de existir no mundo: a arte. Logo, a modalidade ainda é forte fonte de criação de vínculos entre a juventude e suas comunidades, de modo que tem ganhado cada vez mais visibilidade.

As figurinhas da Copa 2022 chegaram nas bancas, mas o preço alto preocupa

Tanto o álbum como os pacotes aumentaram mais do que o índice da inflação

Por Felipe Botter, Christian Policeno e Lucca Ranzani



Figurinha rara do jogador Neymar anunciada na internet por até nove mil reais

O álbum de figurinhas da Copa do Mundo teve seu início no Brasil em 1950, Copa que foi sediada no país. O álbum foi feito pela indústria de balas e chocolates A Americana LTDA. Os criadores tiveram a brilhante ideia de vender as figurinhas junto das balas que eles produziam. Atualmente, é a empresa italiana Panini que produz os álbuns, e isso já perdura há mais de 50 anos. A Panini começou a produzir seus álbuns na Copa do Mundo de 1970. O preço dos álbuns e das figurinhas sobe a cada edição, como todas as outras coisas que vem crescendo de valor ano após ano, como por exemplo, os alimentos que em alguns casos sobem até 80% ao ano, a gasolina que sobe 32,62%, o diesel que subiu 40,54%, ou o etanol que chegou ao patamar de 36,17%, sendo que estes são só alguns dos produtos que sofrem constantemente com a alta inflação no Brasil, e as figurinhas do álbum da Copa do Mundo também não fogem disso.

Na edição de 2018 cada pacotinho custava R\$2,00, já agora em 2022 cada pacote custa R\$4,00, ou seja, o preço dobrou. Em 2018 o preço mínimo para se completar o álbum era de R\$280,70, já agora, o preço mínimo é de R\$564,00. É um aumento extremamente notável, e isto em um país que se encontra em uma crise financeira crescente, com milhões de desempregados que são apaixonados por futebol, e que por conta do alto preço, precisam deixar uma paixão de lado.

O preço das figurinhas supera a inflação de 2018 para este ano, pois se fosse levado em conta o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), o pacote deveria custar em torno de R\$ 2,61, visto que o

índice variou cerca de 30,5% de março de 2018 a junho de 2022, mas a fabricante do produto relatou em entrevista ao portal G1 que: "A editora mantém o preço dos produtos colecionáveis há dois anos entre R\$ 3,50 e 4,00, valor este alinhado e praticado em toda a América Latina". Segundo a Panini "O álbum de figurinhas da Copa do Mundo Qatar 2022 é um produto oficial licenciado pela FIFA e, por esse motivo, tem que seguir políticas de equiparação de preços em todos os países LATAM [da América Latina], conforme regras definidas pela entidade".

O jornalista da ESPN Breiller Pires comenta ao **Contraponto**: "Quando acontece esse efeito inflacionário, tanto o álbum quanto as figurinhas aumentaram mais que os índices de inflação que temos no Brasil que são o IPCA e o IGPI e por conta disso exclui mais da metade da população brasileira que depende de auxílio Brasil e de projetos sociais criados pelo governo e com isso afasta essas pessoas de participar."

Levando em consideração que o salário-mínimo atual é de R\$ 1.200,00, a compra e coleção do álbum da copa do mundo torna-se uma atividade completamente inacessível para as classes D e E. As crianças e adolescentes, pertencentes às classes sociais mais baixas que não viveram a cultura de copa do mundo no Brasil nas últimas décadas, não terão uma atividade de entretenimento (que historicamente, sempre foi a compra das figurinhas) referente ao acontecimento, tornando o evento algo comum, e com atividades de entretenimento extracampo destinadas única e exclusivamente ao público infanto-juvenil das classes A, B e C.

Para o jornal **Contraponto**, o aluno de jornalismo da PUC-SP Bruno Scaciotti opina: "Dez pacotes representam 40 reais, um valor muito alto. Entretanto, é uma tradição da copa, algo para colecionar, guardar e agora assim como as figurinhas raras, o material todo também se torna um item raro de venda."

Dentre o público restrito que ainda possui condição de adquirir as figurinhas percebe-se que o ato de "trocar" as repetidas é ainda mais comum nesta edição. Isto sem dúvida reflete que a atividade tornou-se algo destinado a aqueles que possuem uma boa condição financeira.

Em redes sociais, como o *Tik Tok* e o *Instagram* é possível notar um grande volume de conteúdos sobre o álbum da copa do mundo, sejam vídeos de influenciadores do ramo futebolístico, realizando a abertura dos pacotes, ou o ato de colar as figurinhas. Porém algo que chama muito a atenção nesta edição são as figurinhas do tipo "Legends". Apesar de não serem necessárias para que o álbum seja completo, elas são uma grande ambição por parte do público, principalmente dentre os colecionadores. Segundo a Panini, ao todo existem oitenta figurinhas de vinte jogadores, que fazem parte do tipo "Legends", totalizando apenas 1.600 figurinhas como esta no país inteiro. Exatamente por ser tão raro este acontecimento, os preços destas figurinhas chegam a custar 9 mil reais.

O álbum da Panini é uma "brincadeira" muito presente na vida dos brasileiros neste período que antecede a copa do mundo, mas a compra de alimentos mais básicos no dia a dia do cidadão, como leite, carnes e as verduras, são muito mais urgentes na realidade do país.